

GLÁUCIA CRISTIANE BÉRGAMO

R.A. 016202

A PROVA COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Márcia Sigrist Malavazi.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA

2005

UNIDADE	F.E
Nº CHAMADA	2448
V:	
TOMADA	2448
PRE	12312006
C:	X
PRE	
DATA	24.03.06
Nº CPD	5111

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

B452p Bérghamo, Gláucia Cristiane.
A prova como instrumento de avaliação / Gláucia Cristiane Bérghamo. --
Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadores : Maria Márcia Sigríst Malavazi, Luiz Carlos de Freitas.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Escolas públicas. 2. Avaliação escolar. 3. Projeto pedagógico.
4. Conselho de classe. 5. Notas. I. Malavazi, Maria Márcia Sigríst.
II. Freitas, Luiz Carlos. III. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. IV. Título.

05-0217-BFE

*Para meus pais Aristides e Elza,
Que sempre me guiaram pelo melhor caminho
e me apoiaram em todas as minhas decisões.*

*Para meus irmãos Cláudia e Eduardo,
Que sempre souberam me alegrar.*

*Para Vitor,
Eterno companheiro*

*Para a Profª. Márcia,
Pela colaboração e amizade.*

ÍNDICE

1. Dando subsídios para o entendimento do tema – INTRODUÇÃO	P. 06
1.1.1 - A lógica da escola	p. 06
1.1.2 - A lógica da avaliação	p. 08
1.1.3 - A prova como instrumento de avaliação	p. 10
1.2 – Buscando um problema de pesquisa – <u>Problemática</u>	p. 12
Delimitação do problema	p. 14
1.3 – Satisfações pessoais e profissionais – <u>Justificativa</u>	p. 15
1.4 – À busca de um desejo – <u>Objetivos</u>	p. 16
2. Não mexa na minha avaliação! – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	p. 18
3. Percorrendo caminhos – METODOLOGIA	p. 22
3.1 - Buscando a abordagem adequada	p. 22
3.2 - A escola selecionada	p. 22
3.2.1 - Os sujeitos da pesquisa	p. 24
3.3 - Os contatos para a coleta de dados	p. 25
4. Buscando explicações – ANÁLISE DE DADOS	p. 26
4.1 - Analisando as entrevistas e os questionários	p. 27
4.1.1 - A concepção de avaliação	p. 27
4.1.2 - Aspectos positivos e negativos do uso da prova	p. 32
4.1.3 - Atribuição de conceitos e notas	p. 36
4.1.4 - Quem precisa de prova?	p. 39
4.1.5 - Critérios utilizados para avaliar um aluno	p. 41
4.1.6 - Avaliação informal	p. 43
4.2 - Acompanhando o Conselho de Classe	p. 44

5. A difícil relação ensino-aprendizagem – CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 49
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 53
7. ANEXOS	p. 55
7.1 - Transcrição das entrevistas	p. 55
7.2 - Modelo de questionário aplicado	p. 81

1 – INTRODUÇÃO

DANDO SUBSÍDIOS PARA O ENTENDIMENTO DO TEMA

1.1.1 – A lógica da escola

Falar em educação é, de partida, reconhecer a complexidade do tema a ser tratado e é, ainda mais, quando se procura entender, dentro dela, o papel adquirido pela avaliação do binômio ensino-aprendizagem. Antes, no entanto, de pensarmos o papel que a avaliação tem no contexto diário das práticas escolares, cabe trazer à tona um pouco da função da escola, através da história dessa instituição, como fator determinante para esse entendimento da avaliação.

Quando o capitalismo ascendeu como nova organização político-econômica sobre a tradicional sociedade feudal, surgiu com ele um novo modo de se estabelecer relações indivíduo-indivíduo e indivíduo-sociedade. A classe burguesa colocava-se em franca ascensão e a demanda pela educação ganhava força, quando esta era vista como forma de mobilidade social. É, do século XIX, a necessidade de moralização da sociedade através da escolarização. Desse modo, surgem espaços de confinamento destinados a ensinar (as escolas) e passa a haver uma nova organização dos tempos e espaços. Assim, ao contrário do que se pensa, a escola não é uma construção aleatória e natural; mas sim, uma construção histórica e social para atender determinados fins.

Segundo Luckesi (2000), a escola, desde seu surgimento, sempre esteve arraigada na atenção aos resultados obtidos pelos alunos. Isso acontece, porque desde então, ela preparava os indivíduos para ocupar determinados lugares na sociedade de acordo com esse resultado obtido.

Para Freitas (2003):

A escola é uma instituição social e sua construção obedece a certas finalidades. Pode-se mesmo dizer que a escola institui seus espaços e tempos incorporando determinadas funções sociais, as quais organizam seu espaço e seu tempo a mando da organização social que a cerca. A escola, portanto, não é um local ingênuo sob um sistema qualquer. Dela espera-se que cumpra uma determinada função. (FREITAS, 2003, p. 14).

Na sociedade capitalista industrial, forma de organização em que vivemos atualmente, a escola diz-se provedora de um ensino de qualidade para todos os estudantes, indistintamente.

Mas, sabemos que isso não se constitui a realidade, porque dentre muitos e variados fatores, a escola não é uma ilha no seio de uma sociedade e não pode fazer tudo independentemente das condições desta mesma sociedade. Ela tem um papel a jogar na formação do aluno e esse papel não pode ser visto de forma ingênua, como se a escola tudo pudesse.

No livro de Hoffman (1993), podemos visualizar também como a escola é entendida nessa conjuntura, ou seja, *“a ênfase contínua na testagem e, especificamente, os testes de QI servem para legitimar um sistema de estratificação nas escolas. A testagem proporciona uma justificação única para as diferenças individuais a fim de manter uma provisão constante de mão-de-obra barata e manter a estratificação de classe. O papel das escolas em uma estrutura capitalista é ‘produzir’ trabalhadores que alimentam um sistema econômico desigual”* (KAUFMAN, 1993, p. 94 apud HOFFMAN, 1993, p. 14-15).

Para a autora, a escola brasileira tem sido pródiga em construir barreiras para que o acesso, e, sobretudo a permanência dos alunos, não ocorra. Segundo essa autora, *“[...] nossa escola sempre seguiu parâmetros de uma classe social privilegiada, onde a concepção de criança origina-se desse ambiente. Crianças cujo universo abrange, pelo mínimo, várias cidades, muitos bairros de uma cidade, amplos horizontes, pelas suas condições sociais”*. No entanto, é preciso atentar para o fato de que *“uma escola de qualidade é a que dá conta, de fato, de todas as crianças brasileiras, concebidas em sua realidade concreta”* (HOFFMAN, 1993, p. 16-17).

Vemos, com isso que, a escola torna-se uma instituição única que atribui os mesmos sentidos e objetivos a todos visando garantir a esses o acesso a um conjunto de conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade, ao longo dos anos. Nessa perspectiva, o aprender é subjacente ao ensinar, onde este último significa transmitir os conhecimentos que deverão ser assimilados, centrando-se nos resultados obtidos pelos alunos, detectados através de notas e provas para ‘passar de ano’. A escola torna-se, assim, o lugar de ensinar e onde não se estabelece nenhuma relação entre o vivenciado pelos alunos e o conhecimento escolar. A garantia do insucesso escolar acaba sendo a pena desses alunos porque não são capazes de acompanhar o que o sistema quer. A escola opera através de uma uniformidade que, segundo Vieira (1999), é monolítica e monocultural.

Dentro dessa nossa sociedade capitalista, acabou havendo um distanciamento da escola em relação à vida do sujeito. Esse afastamento está ligado a uma necessidade de formação da própria sociedade que, para apoiar o desenvolvimento das forças produtivas, necessitou de uma escola que preparasse rapidamente, e em série, recursos humanos para alimentar a produção de

forma hierarquizada e fragmentada. Nesse sentido, houve a necessidade de introduzir mecanismos artificiais de avaliação (prova, testes etc.) motivada pelo fato de a vida ter ficado do lado de fora; onde “[...] *o isolamento e o artificialismo da escola levaram a uma avaliação igualmente artificial*” (FREITAS, 2003, p. 28). A escola vem perdendo, assim, gradativamente, o sentido crítico necessário à vida que enfrentamos hoje. A criança, o jovem, freqüentam a escola, mas não ‘vivem’ a escola. Para eles, escola é escola, vida é diferente.

Diante desse quadro, a avaliação acaba assumindo a forma de uma ‘mercadoria’ com as características da dualidade que existem na sociedade capitalista: valor de uso e valor de troca, onde este prevalece sobre aquele. O aluno deve, então, aprender para trocar por notas; em que essas são operadas como se nada tivessem a ver com a aprendizagem.

Com isso, percebemos então que, ao longo da história da educação e de nossa prática educativa, a avaliação da aprendizagem escolar, por meio de exames e provas, foi se tornando um “fetiche” (Luckesi, 2000). A avaliação da aprendizagem escolar, além de ser praticada com tal independência do processo ensino-aprendizagem, vem ganhando, ainda hoje, foros de independência da relação professor-aluno.

1.1.2 – A lógica da avaliação

A avaliação é um patrimônio da escola: isso é verdade somente para um tipo de prática que marca as agendas dos professores e alunos, impregna o cotidiano e delimita o calendário das instituições educativas. Efetivamente, a avaliação **ultrapassa os muros da sala de aula**, se instaura também e decisivamente no centro do poder e espalha seus efeitos para toda a sociedade. Nem sempre tem uma intencionalidade educativa, isto é, não é simplesmente um instrumento da educação, mas também de políticas e mesmo de polícia. Chega a ser uma questão de Estado, tamanha é sua centralidade nas reformas (SOBRINHO, 2002, p. 14).

Podemos perceber, diante do que foi exposto anteriormente, que a lógica da avaliação **NÃO** é independente da lógica da escola. O aprender serve para mostrar o conhecimento ao professor. Por isso, os procedimentos de avaliação estão intrinsecamente articulados com a forma que a escola assume como instituição social, o que, em nossa sociedade, corresponde a determinadas funções: hierarquizar, controlar e formar os valores impostos pela sociedade (submissão, competição, entre outros).

Para Luckesi (2000), a atual prática da avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser. Assim, “*com a função*

classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento”. E continua, “a prática da avaliação escolar, dentro do modelo liberal conservador, terá de, obrigatoriamente, ser autoritária, pois esse caráter pertence à essência dessa perspectiva de sociedade, que exige controle e enquadramento dos indivíduos nos parâmetros previamente estabelecidos de equilíbrio social, seja pela utilização de coações explícitas seja pelos meios sub-reptícios das diversas modalidades de propaganda ideológica. A avaliação educacional será, assim, um instrumento disciplinador não só das condutas cognitivas como também das sociais, no contexto da escola” (LUCKESI, 2000, p. 32-35).

Embora a avaliação seja um componente escolar e também um produto da escola, ela não surgiu com essa instituição. Isso é bastante significativo se pensarmos no poder que a avaliação tem como fim: a seleção social, a distribuição dos indivíduos nos lugares sociais e nas hierarquias de poder e prestígio.

Segundo nos mostra Sobrinho (2002), os chineses já praticavam uma seleção de indivíduos para a guarda dos mandarins. Os gregos a utilizavam como seleção de indivíduos para o serviço público ateniense. Os jesuítas, no século XVI, definiam com rigor os procedimentos a serem levados em conta num ensino eficiente (tinham por objetivo a construção de uma hegemonia católica contra as possibilidades heréticas). Já Comênio, não prescindia em usar os exames como meio de estimular os estudantes ao trabalho intelectual da aprendizagem, levando-se, em consideração, o *medo* como excelente meio para manter tais alunos atentos às atividades escolares.

Mas, foi no século XVIII, com os primórdios da institucionalização da educação que a avaliação começou a ser praticada de maneira mais estruturada e constante. Por conter forte significado político e produzir efeitos sociais de grande importância, passou-se a exigí-la transparente e objetiva começando a ser feita através dos testes escritos. Assim, a noção de seleção e de organização social se tornou muito forte, com o tempo, a ponto de ainda hoje estar arraigada a muitas práticas avaliativas.

A avaliação teve, então, notável apelo e demanda, tanto para distribuir socialmente os indivíduos quanto para selecionar para o serviço público e postos de trabalho, sempre baseada na noção de mérito individual. Sua importância como instrumento para o estabelecimento e mobilidade das classes de alunos a consolidou como a mais evidente forma de organização da escola moderna, conforme coloca o mesmo autor.

Já para Souza (1997), a avaliação sempre esteve voltada para a mensuração das mudanças do comportamento humano. Foi com Robert Thorndike, com o movimento vindo

dos Estados Unidos, que vieram os testes padronizados para medir as habilidades e aptidões dos alunos. Na década de 30, conforme coloca a autora, amplia-se essa idéia com os “Estudos de Oito Anos” (p. 27), de Tyler e Smith. E, na década de 70, os autores brasileiros começam a fornecer orientações para o desenvolvimento de testes e medidas educacionais. Entre eles estão Medeiros (1971) e Vianna (1973).

Hoje, estamos mergulhados, como já dito, nos processos econômicos, sociais e políticos da sociedade burguesa, no seio da qual a pedagogia tradicional emergiu e se cristalizou, traduzindo seu espírito. A sociedade burguesa aperfeiçoou seus mecanismos de controle. Nesta sociedade, onde não opera a transparência, o medo se torna um mecanismo imprescindível.

1.1.3 – A prova como instrumento de avaliação

Tão logo a avaliação se tornou mais eficaz e objetiva dando conta de suas funções, criaram-se os testes escritos e os sistemas de notação. Tal fato colocou na avaliação a sua essência: os testes escritos com fins de medida; o que hoje conhecemos como prova. Esses testes escritos são uma criação da escola moderna e sua forma, por ser assim, se liga à idéia de credibilidade pública, transparência e rigor.

Se por um lado essas provas e exames trouxeram mais precisão e força operacional ao sistema de medidas e seleção; por outro, determinaram uma concepção e uma prática que consistem basicamente na formulação dos deveres ou exercícios escolares e controle através dos testes.

Segundo Sobrinho (2002):

A proliferação das provas e exames em grande parte se deve às necessidades que as sociedades apresentam de distribuir os indivíduos nas diferentes posições dos espaços sociais, mediante critérios de méritos pessoais, e de legitimar essa organização e a ideologia correspondente, bem como os conhecimentos, os privilégios e o direito às práticas profissionais (SOBRINHO, 2002, p. 19).

Para Luckesi (2000), os sistemas de exames, com suas conseqüências em termos de notas e suas manipulações, “polarizam a todos” (p. 21). Por meio de sua administração, o estabelecimento de ensino deseja verificar no todo das notas como estão os alunos. Do outro lado contrário, o sistema fica atento a esses resultados, pois se tal fato se traduz em um trabalho realmente significativo do ponto de vista do ensino, e, sobretudo uma aprendizagem significativa social e politicamente, o sistema “coloca o olho” em cima dela.

Afonso (2000), por sua vez, coloca que a *“a avaliação desempenha não só um papel importante na relação pedagógica como também intervém no controle que as instituições escolares exercem sobre o trabalho dos professores. Por isso, existe uma tensão visível entre a avaliação como instrumento de direção e controle e como ferramenta para aumentar o profissionalismo e o desenvolvimento escolar”* (AFONSO, 2000, p. 40).

A prova, na escola, encontra-se no plano da avaliação formal e conduz a uma ‘nota’, que se torna uma divindade adorada por professores e alunos. Elas funcionam como redes de segurança em termos do controle exercido pelos professores sobre seus alunos, das escolas e dos pais sobre os professores, do sistema sobre suas escolas. Controle esse que parece não garantir o ensino de qualidade que tanto se almeja, posto que as estatísticas são cruéis em relação à realidade de nossas escolas.

A nota é, portanto, uma das facetas da avaliação realizada na escola e, representa especialmente, a avaliação formal. Mas, na constituição da nota final, a avaliação informal também se faz presente à medida que ajuda a compor as notas dos alunos, e sua presença se manifesta em especial relacionada ao comportamento ou ao tipo de comportamento que o aluno deveria apresentar durante as aulas (valores).

Bertagna (2002) nos mostra que a avaliação é, pois, constituída por esses momentos pela avaliação formal e informal. Segundo a autora, seja *“formalmente por meio de notas de provas e comportamento, ou informalmente, pelos gestos, palavras, intenções, olhares, os alunos demonstram, em sua fala, uma constante luta com a avaliação, independentemente da forma como ela se manifesta”* (BERTAGNA, 1997, p. 181 apud BERTAGNA, 2002, p. 254). E acrescenta, ainda, utilizando-se de uma citação de Freitas, onde este autor diz que *“não se trata, apenas de condenar os aspectos relativos à classificação dos alunos, mas sim, todo um conjunto de práticas que classifica, disciplina e afeta valores e atitudes dos alunos. O aspecto classificatório é, neste caso, apenas a ponta do iceberg”* (FREITAS, 1995, p. 225 apud BERTAGNA, 2002, p. 254).

Seja como for, neste trabalho, o enfoque recairá sobre a prova como instrumento de avaliação aplicado pela escola onde estagiei. O caráter que este estudo assume aqui serve para demonstrar seu uso na escola, posto que os discursos pedagógico-educacionais de hoje não mais a vêem como método único e eficaz na determinação da aprendizagem, embora seu uso continue corrente.

1.2 – Buscando um problema de pesquisa - PROBLEMÁTICA

Já se escutou muito, no nosso curso de Pedagogia (UNICAMP), que a atuação do educador está intrinsecamente ligada à formação desse profissional ao longo de sua vida. É, a partir de sua própria experiência de vida que o educador vai se posicionar frente aos desafios de sua carreira.

Tendo em vista tal afirmação, é de grande importância que se faça, à partir dos elementos que tenho, uma brevíssima retrospectiva sobre a minha escolha pelo campo da educação como área de trabalho. Essa retrospectiva e os conceitos que serão lançados com ela vão fornecer, ao leitor, a minha preocupação em pesquisar a prova, como tema de trabalho.

Quando optei pelo curso de Pedagogia e, prestando o vestibular no ano 2000, considerava a prova como sendo o melhor instrumento para avaliar a aprendizagem de um aluno. Tudo era visto de tal maneira devido à formação que recebi em 11 anos de educação. Sugiro ser importante lembrar, aqui, que estudei toda minha vida em escola pública; portanto, a qualidade do ensino que recebi e as ‘milhares’ de provas que fiz tinham um caráter escondido por detrás dela, à medida que vimos, anteriormente, o papel da educação na formação dos indivíduos sociais. Assim, ao ingressar na faculdade, em 2001, considerava que deveria me tornar a professora ‘mais cruel’, aplicando a prova ‘mais difícil’, vitimando alunos pelo mesmo mal que passei.

Com o tempo, e melhor embasamento prático e teórico, vi que a prova, quando não usada de acordo com os meios e fins necessários, de nada serve a não ser para estigmatizar e hierarquizar alunos ao invés de garantir a aprendizagem necessária. Passei a ver que, se me proporia a buscar uma formação que integre as discussões tão relevantes que hoje se fazem no campo da educação, seria de suma importância que passasse a entender a prova sob um olhar de ‘agente secreto’ da escola, no cumprimento de sua função.

Além disso, acredito que o tema da avaliação ainda representa um nó para a educação brasileira. Conforme nos coloca Luckesi (2000), *“o ato de avaliar, por sua constituição mesma, não se destina a julgamento definitivo sobre alguma coisa, pessoa ou situação, pois que não é um ato seletivo. A avaliação se destina ao diagnóstico e, por isso mesmo, à inclusão; destina-se a melhoria do ciclo de vida. Infelizmente por nossas experiências histórico-sociais e pessoais, temos dificuldade em assim compreendê-la e praticá-la”* (LUCKESI, 2000, p. 180).

Enviada pela professora Maria Márcia Sigríst Malavazi (minha orientadora), no ano de 2003, pela disciplina EP 153 – Metodologia de Ensino nas Séries Iniciais do Ensino

Fundamental, para fazer estágio em uma escola da rede municipal de Campinas, deparei-me com numerosos fatores que me fizeram ver a escola, a avaliação e suas funções através do olhar da exclusão, como descrevi longamente na Introdução.

Foi, com esse olhar que, já no ano de 2004, na disciplina EP 200 – Estágio Supervisionado, comecei a me interrogar sobre o papel da prova no campo educacional, buscando entender, sobretudo se, a prova é, na verdade, a favor ou contra a democratização do ensino? Será que a escola apenas verifica ou avalia um aluno? Porque pais, professores, alunos ainda centram tanta atenção na promoção obtida através da nota de uma prova?

Levada pela necessidade de ler o Projeto Político Pedagógico – PPP – dessa escola onde estagiei, centrei minha atenção nas concepções adotadas por ela no que concerne à avaliação. Na ocasião, o PPP propunha que *a avaliação deve se dar de maneira contínua e paralela com o atendimento individual do aluno, para garantir uma melhoria na sua aprendizagem. Essa avaliação não deve se tornar um processo autoritário do poder de julgar, mas uma ferramenta aliada que sirva para gerar mudanças qualitativas nessa aprendizagem através de procedimentos, atitudes de ação pedagógica e relações de ensino-aprendizagem.*

Tal filosofia de trabalho e construção do PPP me pareceu um tanto controversa à medida que, nas salas de aula, a prova continua sendo utilizada como instrumento de avaliação. Aqui, o leitor pode se interrogar sobre que papel a prova tem nesse contexto diário, uma vez que ela pode estar sendo utilizada mais no sentido de diagnosticar do que pelo seu caráter funcional ou normativo, aquele que se realiza em função de determinados objetivos e hierarquização.

Digo, portanto, que a prova talvez esteja assumindo seu caráter funcional. Esta hipótese se baseia em uma reunião de Conselho de Classe que tive a oportunidade de acompanhar no mês de Julho, do ano de 2004. Na ocasião, pude constatar que a prova é tida como critério de notação e promoção dos alunos; sobretudo quando se compara o rendimento de alunos de salas distintas. Não se chegando a um consenso, a prova feita pelos alunos e aplicadas pelas professoras acabava por desvelar seu caráter: classificar.

Hoffman (2001) tem um bom alerta sobre os conselhos de classe. Segundo a autora, *“tendo por objetivo a oportunidade de reunir professores, para refletirem sobre a aprendizagem dos alunos, esses momentos (os conselhos de classe) sofreram a influência dos modelos classificatórios e tornaram-se sessões de julgamento, muitas vezes, com réus e culpados”*. E acrescenta que, *“professores, em conselho de classe, tendem seriamente a explicar e justificar resultados alcançados ao longo de um tempo, muito mais do que a buscar alternativas de superação”* (HOFFMAN, 2001, p. 27).

No caso que por ora interessa, é importante lembrar que a avaliação subsidia decisões a respeito da aprendizagem dos educandos, tendo em vista garantir a qualidade do resultado que esta se construindo. Por isso, não pode ser estudada, definida e delineada sem um projeto que a articule.

Sendo assim, olhando para a função da escola e o papel que a prova assume em seu contexto a partir das reflexões até aqui adotadas, passei a me questionar se a avaliação, em específico a prova, não é uma otimização do autoritarismo à medida que ela se manifesta num lugar de práticas autoritárias, na relação pedagógica, traduzindo um modelo de sociedade? Será que a prova pode se articular com o PPP, bem como todo processo de ensino, colocando-se realmente a serviço da aprendizagem? Por que, numa escola, que propõe sua filosofia de trabalho na construção de um Projeto Político Pedagógico, onde a formação do aluno perpassa o viés da cidadania; mas, sobretudo, que entende a avaliação como contínua e processual, continua aplicando a prova como instrumento ‘único’ de avaliação dos educandos?

Diante de tais questionamentos e entendendo, segundo Luckesi (2000) que, “*a prática da avaliação da aprendizagem não se dá em separado do PPP, mas sim o retrata*” e que “*epistemologicamente, a avaliação não existe por si, mas para a atividade a qual serve*” (LUCKESI, 2000, p. 10) optei por focalizar, então, como OBJETO DE ESTUDO deste trabalho:

A ANÁLISE E COMPREENSÃO DA CONTRADIÇÃO DO USO DA PROVA, SABENDO-SE QUE ATUALMENTE É DISCUTIDA COMO UM INSTRUMENTO REPRESSOR E INEFICAZ NA IDENTIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO, E QUE, APESAR DISSO, CONTINUA A SER UTILIZADA PELA ESCOLA ONDE ESTAGIEI.

Importante ressaltar também, que com as leituras que se fez e se faz sempre e ao longo da construção deste trabalho, muitas e novas indagações me surgiram enquanto pesquisadora como forma de compreender, de maneira geral, o que acontece com a educação brasileira a partir da análise da avaliação. A polêmica que se cria hoje em relação a uma nova perspectiva de avaliação, não centrada somente na prova, diz respeito, entre muitas coisas, à questão da melhoria da qualidade de ensino.

Hoffman (1993) nos elucida algumas questões concernentes a tal perspectiva e mostra que muitos fatores dificultam a superação da prática tradicional, já tão criticada; mas, dentre

muitos, desponta sobremaneira a crença dos educadores de todos os graus de ensino na manutenção da ação avaliativa classificatória como “*garantia de um ensino de qualidade, que resguarde um saber competente dos alunos*” (HOFFMAN, 1993, p. 11).

Seja como for, a verdade é que “*há um sério descrédito em relação às escolas inovadoras e o sistema de avaliação é um dos focos principais de crítica da sociedade, uma vez que se constitui em componente decisivo na questão resultados, ou seja, produto obtido, em educação. Enfim, a crença popular é que os professores tendem a ser menos exigentes do que tradicionalmente e que as escolas não oferecem o ensino competente à semelhança das antigas gerações*” (HOFFMAN, 1993, p. 12).

Assim, a necessidade de se olhar a avaliação, ou mais específico, a prova, esta aí e precisa ser analisada. Esse relato de minha trajetória mostra um caminho que foi construído lentamente e cuja síntese, embora provisória, esboça-se nas linhas acima. O conhecimento que pude adquirir neste tempo é fruto de um conjunto de relações (teórico-práticas) que me conduziram a meditar sempre, buscando novas trilhas de entendimento e de proposições. E espero estar no caminho certo.

1.3 – Satisfações pessoais e profissionais - JUSTIFICATIVA

Segundo Antunes (2002),

[...] é complicado usar instrumentos em uma linguagem que possa explorar múltiplas linguagens e como é contraditório abrigar na singela palavra ‘avaliação’ toda diversidade sobre seus tipos, suas funções, seus procedimentos e seus instrumentos e ainda as decisões que envolvem o sucesso e o fracasso, a promoção e a retenção do aluno e do professor. É difícil, é complicado e, sobretudo, é contraditório (ANTUNES, 2002, p. 19).

Por que, então, se optar por trabalhar com a temática da prova como instrumento de avaliação diante das funções que se colocam para ela?

A questão da avaliação, mais especificamente da prova, se constitui em tema apaixonante da educação brasileira. Tempos atrás, por propiciar a alguns professores um caráter muito autoritário, prepotente e segregador, centralizado nas mãos arrogantes deste ou daquele que fazia de sua nota seu instrumento de tortura, altamente injusto para o aluno, era incontestavelmente bastante confortável para o professor. Essa crítica, no entanto, segundo

Antunes (2002), “*não poderia ficar apenas com o professor, pois esse ‘superado’ sistema de avaliação é tributário de idéias, hoje não mais aceitas de que o conhecimento era um bem que se acumulava, um material que enchia um reservatório previamente existente no cérebro de cada indivíduo, supostamente vazio*” (ANTUNES, 2002, p. 13).

Mas, nada se transforma de um dia para o outro no mundo escolar, pois “*a inércia é por demais forte, nas estruturas, nos textos e, sobretudo, nas mentes, para que uma nova idéia possa se impor rapidamente*” (PERRENOUD, 1999, p.10). Embora muitos pedagogos tenham acreditado condenar provas e notas, elas estão aí, e bem vivas, em inúmeros sistemas escolares. Assim, ao optar trabalhar com a temática da prova, cabe então, ressaltar o que considero relevante, tanto teórica como socialmente, na justificativa de tal escolha.

Trata-se, portanto, de um tema de grande relevância teórica à medida que a relação teoria/prática passa a ditar a contraposição entre o que se diz e o que se faz, ao invés de se completarem. Além disso, sua relevância social explica-se pela atenção constante em torno da prova como reguladora do trabalho, das atividades, das relações de autoridade e, também, das relações entre a família e a escola ou entre profissionais da educação. Para dar conta de explicar seu uso, a ciência precisa mostrar qual a função da prova, numa tentativa de ‘aplicar’ a necessidade de pais, alunos, professores, no que concerne a tão almejada promoção.

1.4 – À busca de um desejo - OBJETIVOS

A avaliação representa um dos pontos vitais para o alcance de uma prática pedagógica competente e muito pouco conhecemos acerca desse processo que acontece na escola. A avaliação tem sido enfocada, como aqui também neste trabalho, principalmente na sua dimensão técnica (embora, como sabemos, se faça para além dela); sobretudo no que se refere à construção de instrumentos válidos e fidedignos.

Para Luckesi (2000), “*a avaliação só adquire sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu conseqüente projeto de ensino*” (LUCKESI, 2000, p. 85).

Na tentativa de analisar o uso da prova como instrumento de avaliação da escola onde estagiei e pela contradição apresentada entre o PPP e o que na prática é feito nesta escola, muitas discussões importantes podem ficar à margem deste estudo, visto a limitação da

pesquisa. Mesmo assim, com a motivação que me toma por agora, proponho os seguintes objetivos para tal estudo:

Gerais

- Estudar o uso da prova como instrumento de avaliação;
- Entender o processo de avaliação (no caso, a prova) tal como se desenvolve na escola pesquisada;
- Analisar o conceito de avaliação contido no Projeto Político-Pedagógico da escola pesquisada;

Específico

- Compreender melhor qual o papel do Conselho de Classe na escola pesquisada;

2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

NÃO MEXA NA MINHA AVALIAÇÃO!

Como vimos ao longo deste trabalho, a avaliação está a serviço de uma pedagogia dominante que, por sua vez, serve a um modelo *social liberal conservador*. A prática escolar predominante hoje se realiza dentro de um modelo teórico que pressupõe a educação como um mecanismo de conservação e reprodução da sociedade.

Nessa perspectiva de entendimento, a prova, como um dos instrumentos mais importantes da avaliação escolar, acaba por corroborar com o discurso excludente, na medida em que sua função, historicamente conhecida, é a de classificar, hierarquizar alunos.

Muitos autores já discutiram amplamente a questão da prova e, ao que parece, todos concordam com o que vem se delineando ao longo dos anos, nos bancos escolares, no entendimento da função da prova, na avaliação.

Para Luckesi (2000),

A característica que de imediato se evidencia na nossa prática educativa é a de que a avaliação da aprendizagem ganhou um espaço tão amplo nos processos de ensino que nossa prática educativa escolar passou a ser direcionada por uma ‘pedagogia do exame’.

E, acrescenta:

Pais, sistema de ensino, profissionais da educação, professores e alunos, todos têm suas atenções centradas na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra. O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos [...] O nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame do que por uma pedagogia de ensino-aprendizagem (LUCKESI, 2000, p. 18).

Já, para Perrenoud (1999), a prova se constitui como uma tortura, pois está presente em um âmbito maior, a avaliação, segundo qual está associada à criação de ‘hierarquias de excelência’. Segundo este autor, “[...] *com a prova, os alunos são comparados e depois classificados em virtude de uma norma de excelência, definida no absoluto ou encarnada pelo professor e pelos melhores alunos*” (PERRENOUD, 1999, p.11). Assim, para ele, a prova, antes de regular as aprendizagens, regula o indivíduo, dentro de um contexto, a partir da nota. A prova torna-se, então, a ‘mecânica da avaliação’.

Como trata-se de um assunto longe de se esgotar, as discussões feitas até agora continuam com grande força ainda nos dias de hoje, pois a prática escolar ainda evidencia a prova como instrumento indispensável na avaliação de alunos.

Omote e Chacon (2002), colocam que “[...] a avaliação do desempenho escolar, realizada de alguma forma e expressa em notas ou conceitos, reveste-se de especial importância na trajetória que cada aluno percorre. Serve para estabelecer hierarquias, criar categorias e diferenciar alunos. Eventualmente, pode servir para justificar um tratamento diferente destinado a determinados alunos que, à partir da avaliação do seu desempenho escolar, podem ser considerados casos de fracasso escolar ou até mesmo de deficiência mental” (OMOTE e CHACON, 2002, p.122). Assim, para os autores, a avaliação não deve ser entendida como mera medida, através das notas e das provas. É sim, um sistema complexo em que se está em jogo tanto o ensino como a aprendizagem.

Para Afonso (2000),

A avaliação normativa parece ser a modalidade de avaliação mais adequada quando a competição e a comparação se tornam valores fundamentais em educação. Nesta modalidade de avaliação, os resultados quantificáveis tornam-se mais importantes do que os que se referem a outros domínios ou outras aprendizagens. A complexidade do processo educativo é tendencialmente reduzido a alguns produtos visíveis que acabam assim por induzir a utilização de testes standardizados e estes, por sua vez, passam a ter um papel central ao fornecer resultados que são úteis indicadores de mercado (AFONSO, 2000, p. 34).

Já Antunes (2002) coloca que,

O foco de uma avaliação jamais deve estar centrado num conteúdo trabalhado, como é o caso da prova, mas na capacidade de contextualização revelada pelo aluno em aplicar os ensinamentos desse conteúdo em outros níveis de pensamento, outras situações e até mesmo, outras disciplinas (ANTUNES, 2002, p. 32).

Ao que parece, as provas, também dentre outras funções, constituem-se como instrumentos de poder, ameaça e tortura prévia dos alunos, protestando ser um elemento motivador da aprendizagem. Os alunos têm sua atenção centrada na promoção; procuram saber os modos pelos quais as notas serão obtidas e manipuladas em função da promoção de uma série para outra. Para Malavazi (2002), essa atenção constante do aluno sobre sua prova e/ou nota caracteriza-se pelo fato destes saberem que são permanentemente avaliados pela

sociedade para serem classificados como bons ou ruins, capazes ou incapazes e, finalmente, serem escolhidos como os melhores ou excluídos entre tantos. Segundo a autora, “*ele estará sempre sendo avaliado para, se aprovado, avançar ou, se reprovado, desistir e ser levado a assumir individualmente sua incompetência, mascarando desta e de outras maneiras as injustiças do sistema a que está submetido*” (MALAVAZI, 2002, p. 223).

Os pais, por sua vez, também se preocupam e ficam na expectativa das notas das provas. Conforme nos coloca a mesma autora, a avaliação é um instrumento tão poderoso que é acessada por muitos, inclusive pela família, para justificar e motivar os indivíduos dentro e fora da escola. Para a autora, “*um dos maiores objetivos dos pais quando os filhos estão em idade escolar é sua aprovação anual. Como a aprovação está intimamente ligada à avaliação positiva e às boas notas, estas passam a ser uma fonte de preocupação considerável para todos. A aprovação representa para os pais, o ‘sucesso’ necessário para que os filhos avancem em sua necessária e permanente formação acadêmica e o ‘diploma na mão’ simboliza a abertura para um mercado de trabalho promissor*” (MALAVAZI, 2002, p. 221).

Já os professores, quando sentem que seu trabalho não está surtindo o efeito esperado, anunciam aos seus alunos: *Estudem! Caso contrário vocês poderão se dar mal no dia da prova; O dia da prova vem aí. Cuidado!* Ou ainda, *Estou construindo as questões bem difíceis para a prova. Se preparem!* A prova direciona, assim, os objetivos da aprendizagem realizadas no dia-a-dia do professor.

A preocupação dos professores centra-se nos resultados das provas. Se necessário, facilitam para que os alunos obtenham resultados positivos, pois estes refletem formalmente a competência dos professores. Além disso, as provas tornam-se um mecanismo utilizado para a obtenção dos comportamentos desejados, considerados adequados pelo padrão estabelecido pela escola/sociedade (BERTAGNA, 2002, p. 238).

Essas e outras características ajudam os autores, de maneira geral, a dissertar sobre a complexidade da questão, uma vez que as práticas avaliativas estão fortemente arraigadas no pensamento da sociedade.

Malavazi (2002) também considera que a prova acaba “*auxiliando o controle e o disciplinamento dos alunos ao invés de servir como instrumento de observação das práticas pedagógicas contidas no Projeto Político Pedagógico da escola*” (MALAVAZI, 2002, p. 218).

Parece importante e necessário, então, se concentrar sobre a organização do trabalho pedagógico incorporando-o ao PPP.

O Projeto Político Pedagógico, ou simplesmente PPP, deve tornar-se um instrumento democrático à medida que envolva o maior número de pessoas e que abra espaço para a manifestação de todos os segmentos envolvidos com a escola. No entanto, segundo essa mesma autora, essa abertura ainda representa um grande desafio, pois a tendência é que, as escolas, no decorrer da construção do seu PPP, excluam a participação, sobretudo dos pais e dos alunos, trabalhando somente com os demais segmentos que a compõem. Nesse sentido, as decisões gerais da instituição não aderem a processos democráticos e a obtenção dos resultados final não é compartilhada por todos. Assim, a escola, enquanto organização complexa trabalha sob a égide daqueles que a querem como conservadora da ordem social.

Seja como for, as provas continuam sendo um fator negativo de motivação. O estudante deverá se dedicar aos estudos não porque os conteúdos sejam importantes, significativos, prazerosos de serem aprendidos; mas sim, porque estão ameaçados por uma prova. O medo os levará a estudar.

De qualquer forma, entendendo que a prática escolar predominante hoje se realiza dentro de um modelo teórico de compreensão que pressupõe a educação como um mecanismo de conservação e reprodução da sociedade e; que a prática da avaliação esteja a esse serviço, é necessário que comecemos a colocá-la num outro contexto pedagógico; ou seja, a serviço de uma pedagogia que entenda e esteja preocupada com a educação como mecanismo de transformação. Para que isso aconteça, então, vamos continuar estudando o mau uso tão corrente da prova!

3 – METODOLOGIA

PERCORRENDO CAMINHOS

3.1 – Buscando a abordagem adequada

“Como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador” (LÜDKE, 1986, p. 3).

Quando optei por estudar como se dá o processo de avaliação da escola pública, tinha em mente que o melhor local para fazer tal pesquisa seria a escola onde estagiei. Isso porque, conforme já descrevi, foi nesta escola que passei alguns semestres da minha formação profissional e onde criei vínculos, profissionais e afetivos, com as pessoas que dela fazem parte. Nesse contexto, houve uma grande delimitação da pesquisa, na medida em que optei por esta unidade educacional em específico, seu projeto político pedagógico construído para tanto e os atores que dela fazem parte.

Diante de tais propósitos, esta pesquisa caracteriza-se dentro de uma abordagem qualitativa, pois conforme nos coloca Lüdke (1986), *“a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada [...] o material é rico em transcrições de entrevistas [...] o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas etc”* (LÜDKE, 1986, p. 11-12).

3.2 – A escola selecionada

Com o objetivo de fazer do leitor um conhecedor do espaço que vivenciei no estágio, tem-se, à seguir, a descrição do espaço escolar e seu funcionamento:

A escola estudada está situada no Jardim São Vicente (divisa Campinas-Valinhos); e tem como mantenedora a Prefeitura Municipal de Campinas. Ela atende alunos dos bairros Jardim São Vicente, Jardim Centenário e Vila Formosa, além de oferecer espaço físico para a CEMEI Ester Aparecida Viana (esta última administrada separadamente). À sua volta encontra-se um posto de saúde, que atende as famílias pelo SUS – sistema único de saúde. A comunidade

conta, ainda, com atendimento terapêutico, fornecido pelo posto Santa Odila; Centro de Reabilitação da Policlínica IV e, Clínica de Psicologia, da UNIP (Universidade Paulista).

Por outro lado, às proximidades da escola funciona o Internato Jequitibás, que atende menores presos. Segundo o PPP, isto gera um grande problema, pois em dias de rebelião, há muita apreensão por parte da comunidade e, sobretudo, da escola, que zela pela integridade das crianças durante seu funcionamento.

A escola funciona em três períodos. O período que mais freqüente é o matutino. Horário das 07:30 às 11:30 hs., para alunos de 1ª à 4ª séries, em 12 classes com aulas de 50 minutos;

Seu quadro pode ser traçado da seguinte forma (os números não são fixos e precisamente exatos, já que como a Orientadora Pedagógica esclareceu, a cada ano esses números se alteram e, às vezes, não há tempo para modificar a planilha):

Alunos matriculados:

1ª série = 66; 2ª série = 65; 3ª série = 65 e 4ª série = 63, totalizando aprox. 259 alunos;

Professores:

1ª à 4ª séries = 12 polivalentes, 2 de Educação Física, 1 de Educação Artística e 1 de Educação Especial;

Demais funcionários:

1 diretor (a), 2 vice-diretores (as) – que se revezam em manhã/tarde e tarde/noite; 1 orientadora pedagógica; 2 assistentes administrativos; 2 inspetores – manhã e tarde; 3 ajudantes de cozinha; 5 serventes; 2 guardas.

Espaço físico:

1 biblioteca; 1 sala vaga (está em reformas); 12 salas de aula; 1 laboratório de informática; 1 brinquedoteca; 1 cozinha; 1 refeitório; 1 sala de professores; 1 secretaria; 1 sala de direção; 1 sala de vice-direção; 1 sala de orientação pedagógica; 1 sala cedida para a CEMEI; 9 banheiros, entre os de alunos e funcionários.

O Projeto Político Pedagógico:

O PPP começa referindo-se à escola como um espaço de formação de cidadãos e encontro de múltiplas formas de ser e de viver. Por isso, este espaço deve ser preservado e

preservador das diferenças entre as pessoas, para que juntos todos possamos construir uma grande comunidade pautada no bem comum e no respeito mútuo.

Segundo o documento, a escola é um espaço formado essencialmente de gente: que trabalha, estuda, vive; que tem suas peculiaridades e suas opiniões, que devem ser ouvidas e consideradas. A questão da diversidade humana está presente em nosso cotidiano. Todos vivem a escola, precisam lidar com essa diversidade e aprender com ela.

O PPP serve, além de tudo, para que pensemos em uma 'cara própria' para a escola; para que, coletivamente, possamos discutir e reelaborar o que precisa ser cuidado; para que orientemos nossas ações a fim de construir um trabalho coletivo na escola. Posto que nunca é um documento pronto e acabado, vai sendo constantemente refeito ao longo dos anos e de novos olhares, desejos e necessidades.

Dessa maneira, o PPP propõe que todos pretendam que a comunidade reconheça o papel social da escola, que tem a função específica de lidar com o conhecimento, função de ensinar e de aprender a lidar com as relações de ensino-aprendizagem. Escola é espaço de produção de conhecimento. Nenhum outro espaço social tem essa função.

Na escola, tem-se a formação de um espaço social na medida em que há jornais na porta de entrada, para que todos se mantenham informados; além de funcionar como área de lazer para as famílias aos finais de semana.

Sobre a avaliação:

A escola entende que a avaliação é contínua e paralela, com atendimento individual do aluno quando necessário, tanto no período diurno quanto noturno, e de acordo com os critérios de avaliação que constam no regimento escolar.

Deve permitir a melhora da aprendizagem, dando indicativos para replanejar a ação educativa.

Não deve deixar se tornar um processo autoritário do poder de julgar; mas sim, uma constante busca qualitativa na aprendizagem, no procedimentos e nas atitudes de ação pedagógica e das relações de ensino-aprendizagem.

3.2.1 – Os sujeitos da pesquisa

O principal alvo da pesquisa foi professoras de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, num total de 12 entrevistadas.

Todas são formadas no Magistério e/ou no curso de Pedagogia.

3.3 – Os contatos para a coleta de dados

Tão logo a delimitação da pesquisa fora feita, atendendo os propósitos deste estudo, uma reunião com a Orientadora Pedagógica (OP) da escola foi marcada para que fosse possível combinar como os dados seriam coletados. A OP disse-me que seria importante que eu conversasse com as professoras que viriam a ser entrevistadas para que eu lhes explicasse como se daria a pesquisa e, portanto, as entrevistas (que se encontram em anexo).

No dia e horário marcados para minha conversa com as professoras, fui até a escola. Todos estavam na reunião pedagógica que ocorre semanalmente. É o que elas chamam de TDC – Trabalho Docente Coletivo. Pedi licença a todos e expliquei-lhes sobre minha necessidade. Na ocasião, foi deixado explícito que não se tratava de nenhuma tentativa de ‘denunciar’ o trabalho das professoras bem como fazer uma crítica a elas. O que importaria, outrossim, seria entender como a prova é utilizada pela escola, de maneira geral, como parte da avaliação de alunos e alunas. Foi explicado também que as entrevistas precisariam ser gravadas em mini-gravador para posterior transcrição.

Segundo Lüdke (1986), *“a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”* (LÜDKE, 1986, p. 34). A entrevista seria o melhor método para a pesquisa, pois permite conversar ‘cara a cara’ com os entrevistados, compartilhando idéias e compreendendo minuciosamente o que se quer dizer.

Com a explicação já feita, foi pedida então, a permissão dessas professoras para que pudessem conceder a entrevistas. Todas aceitaram. Além disso, algumas dúvidas que surgiram com relação ao trabalho foram sanadas. Dessa maneira, ao final da reunião e da nossa conversa, as entrevistas foram marcadas atendendo, exclusivamente, a disponibilidade das professoras. Tudo fora anotado e combinado com cada uma, previamente, inclusive dia e hora das entrevistas, bem como os locais onde seriam feitas.

Assim, fui até a escola nos dias em que precisava para fazer essa primeira coleta. Os questionários (em anexo) também foram respondidos no mesmo dia, logo após cada entrevista, que tinha duração de 20 minutos, em média. Esse questionário serviu de suporte para a entrevista, ou seja, permitiu confrontar o que os professores esboçaram sobre a temática em sua entrevista, permitindo uma melhor análise dos dados posteriormente. Nesse sentido, a escolha da aplicação de uma entrevista e um questionário fechado, próprio das pesquisas empíricas, pareceu o melhor método de coleta dos dados, posto que me permitiram uma proximidade com as entrevistadas.

4 – ANÁLISE DE DADOS BUSCANDO EXPLICAÇÕES

Depois de realizar a coleta dos dados, o próximo passo foi a transcrição das entrevistas. Elas foram relidas várias vezes a fim de se conseguir, com cada depoimento, o maior número de informações que pudessem embasar o trabalho; explorando-as ao máximo, para que nenhum item importante viesse ficar à parte.

Para melhor organizar os dados obtidos, mas principalmente, facilitar o entendimento do leitor, os depoimentos das entrevistadas foram organizados de acordo com os sub-temas que se fizeram mais freqüentes nas respostas.

A partir do tema central, ou seja, a partir do entendimento do uso da prova como um importante instrumento de avaliação, outras questões apareceram como elementos interligados e, desse modo, todos os dados foram analisados à luz da teoria apresentada ao longo deste trabalho.

Assim, os itens mais tratados foram: a concepção de avaliação apresentada pelas professoras e os aspectos (positivos e negativos) da prova como instrumento de avaliação; os critérios utilizados pelas professoras para avaliar seus alunos, bem como a avaliação informal presente; a atribuição dos conceitos e notas; e, por fim, a necessidade do uso da prova no sistema escolar (não necessariamente nesta mesma ordem).

Além das entrevistas e questionários, um elemento à parte e que se torna de relevante importância para este trabalho foi o acompanhamento da reunião do Conselho de Classe deste ano.

Vejamos cada um mais detalhadamente:

4.1 – Analisando as entrevistas e os questionários

4.1.1 – A concepção de avaliação

Conforme vimos ao longo deste trabalho, não se pode pensar a prática da avaliação de forma isolada, pois ela reflete uma concepção de educação, de escola e de sociedade, sendo delas também um reflexo. Nesse sentido, é importante notar que a avaliação do rendimento escolar do aluno é um procedimento que tem rituais definidos na administração escolar, suas decisões trazem conseqüências no cotidiano da escola e refletem a proposta educacional aí vivida.

A partir desse entendimento, é essencial observar que a prova se constitui um importante elemento de avaliação usado pela escola, embora ainda nos dias atuais tende a ser considerado um mecanismo repressor e de controle por parte do professor sobre seus alunos. Nesse sentido, a prova acaba se encaixando naquilo que os autores consideram como uma visão tradicional de ensino, onde esta é marcada por um caráter autoritário, que define o futuro escolar do aluno, ou seja, se ele avança para a série seguinte ou se deve ficar retido.

De acordo com Luckesi (2001), a avaliação com caráter tradicional é restrita aos momentos de prova ou outras atividades nas quais os professores atribuem notas ou conceitos ao desempenho dos alunos. Nesse tipo de visão, a avaliação torna-se, então, mais formativa do que diagnóstica, ou seja, é mais restrita e mais pontual, destinada a verificar o desempenho do aluno com relação à objetivos e às informações colhidas por meio de tais provas.

Por outro lado, a avaliação do tipo diagnóstica é aquela que abre uma grande relação do professor com seu aluno e permite adaptações no processo de ensino-aprendizagem. Ela visa fornecer orientação ao aluno no decorrer das atividades e não está presa ao rendimento obtido com as provas e testes. Para o mesmo autor, este tipo de avaliação “[...] *deverá manifestar-se como um mecanismo de diagnóstico da situação, tendo em vista o avanço e o crescimento e não a estagnação disciplinadora*” (LUCKESI, 2001, p. 32).

À partir de tais colocações, e de acordo com o que as professoras disseram em seus depoimentos, é possível olhar qual a postura adotada pelas entrevistadas e que vão fornecer subsídios para entender porque a prova se constitui em importante instrumento para avaliar. Dessa forma, é possível observar se as professoras praticam uma verificação da aprendizagem e desempenho do aluno, se estão interessadas em medir ou testar a capacidade do aluno ou se estão atentas para o processo de ensino-aprendizagem de maneira geral.

De acordo com as entrevistas, todas as professoras, sem exceção, definem o processo de avaliação do rendimento escolar como verificação da aprendizagem e isto está intimamente ligado ao desempenho do aluno. A importância da prova dentro desse processo colabora para mostrar como essa verificação é feita. Entre as falas dessas professoras, podemos destacar aquelas que melhor se encaixam nesses quesitos.

“... eu faço a prova de acordo com aquilo que eu dei, a matéria que eu trabalhei. Eu procuro da melhor maneira, da melhor forma possível fazer uma prova dentro daquilo que eu ensinei, né?”

(Professora 1) (informação verbal)¹.

Já a professora 4:

“Eu dou algumas atividades em que eu possa acompanhar se a criança realizou sozinha, que eu veja ali o que ela achava que era e me entregou... eu uso essas atividades como valendo prova e lógico que é importante porque você tem que ter um documento ali da escrita da criança provando o que ela já sabe o que ela sabe”.

A professora 5 coloca,

“Eu costumo trabalhar com projetos que tem a ver com o conteúdo elaborado. Eu dou um exercício, mas não coloco a palavra ‘avaliação’. São exercícios que exigem que o aluno dê em troca aquilo que eu ensinei... é preciso haver um instrumento que dê a certeza daquilo que ele é capaz de fazer sozinho. Não adianta dar um exercício em que ele conversa com o colega e faz o que o outro faz. Daí eu vejo que ele não aprendeu. É preciso saber se ele tem condições de fazer sozinho”.

O que se pode observar com a fala dessas professoras é que elas consideram o conhecimento como um dado certo e que vai exigir respostas certas conforme “o que foi ensinado”. Trata-se de uma relação mais tradicional de ensino em que a atividade pedagógica é dirigida do início ao fim pelo professor. Essa atividade, da forma como se dá, deixa pouco espaço à inovação ou a um sistema de trabalho mais aberto, que dê margem à criação.

A aprendizagem dos alunos é ver se eles aprenderam o que você explicou, é poder chegar ao fim de uma unidade, de um ponto, ou qualquer coisa terminada, poder conferir aquilo que você expôs, tudo aquilo que você deu, se a pessoa conseguiu reter, entender alguma coisa (SOUZA, 1997, p.85).

Nesse tipo de visão de ensino, o conteúdo que o aluno (supostamente) adquiriu deve ser mostrado ao professor. Assim, o aluno acaba estudando porque precisa mostrar ao professor e

¹ As falas das entrevistadas estão destacadas em itálico e foram transcritas *verbatim*

receber sua nota. Como pode ser visto nos pressupostos teóricos aqui apresentados, o estudante deverá se dedicar aos estudos não porque os conteúdos sejam importantes, significativos, prazerosos de serem aprendidos; mas sim, porque estão ameaçados por uma prova. O medo os levará a estudar. Para Souza (1997), o objetivo é que os alunos dominem o conteúdo dado; o para quê ou o quê avaliar é algo já implícito no próprio conteúdo proposto. “[...] a avaliação é algo de interesse do professor: é ele quem quer saber se houve ou não aprendizagem” (SOUZA, 1997 p.85).

Embora nas entrevistas de todas as professoras, inclusive das citadas acima, esteja presente a preocupação de se fazer uma avaliação diária do aluno e um acompanhamento constante, a preocupação com o uso da prova ainda se faz necessária, conforme podemos ver no depoimento da professora 4:

“Eu acho que sempre tem que haver um registro sim. O registro é a prova. Eu posso ter muitos momentos que eu avaliei pela participação, mas pelo menos uma, pela prova, tem que ter”.

E professora 5,

“A prova é uma forma de avaliar. Você dá uma atividade e precisa avaliar o que o aluno fez. É preciso criar um clima de expectativa para ele saber no que precisa melhorar”.

Já a professora 3, vê a importância da prova da seguinte maneira:

“... eu acho que ela (a prova) é importante como todas as outras coisas. Ela não é a mais importante ... é só mais um instrumento que a gente tem ... às vezes, eu acho que a prova está estupenda e dá tudo errado. Não fui clara, me parece que foi mais uma armadilha. E quando eu sinto que está nesse ‘pé’, não acho legal. Mesmo que eu perceba que a criança está com dificuldade em determinado assunto, eu tenho negociado. Nós vamos ver se ela entende em outro momento. Então aí, pra mim, a prova se torna bem importante”.

Apesar da fala 03 ser aparentemente diferenciada, a concepção de avaliação é a mesma das outras, quer dizer, a concepção de avaliação ainda é determinada pelos conceitos de escola, ensino e currículo de formação arraigados na pedagogia tradicional. A prova, embora dita de pouca importância, continua com destaque central para a verificação da aprendizagem do aluno, em qual momento for. O dramático dessa prática de avaliação, é que não se pode esperar que o professor avalie sem atribuir o direito de exercer uma autoridade, a sua e aquela dos conteúdos que transmite.

Nessa questão é importante, ainda, atentar para a fala da professora 1 quando indagada sobre o porquê, em sua opinião, das professoras ainda utilizarem a prova.

“Eu trabalho um assunto e depois dou uma prova para ver quem dominou aquilo que eu ensinei e para ter uma maneira de julgar”.

Diante dessas falas, podemos observar que na prática educativa dessas professoras, e como ocorre na maioria das escolas hoje em dia, é que a avaliação é um processo unilateral da escola e a conduz a um autoritarismo com conseqüências sociais e pessoais danosas ao indivíduo, ou seja, ao aluno. A avaliação, que nesse caso se faz através das provas, é vista por Sousa (1997) como autoritária, porque *“assume unilateralmente a responsabilidade pelo diagnóstico do desempenho do aluno e a partir daí tomam-se decisões fora do alcance que a própria avaliação oferece”* (SOUSA, 1997, p.149).

Por outro lado, a preocupação em avaliar o dia-a-dia do aluno, conforme dito nas entrevistas, na tentativa de se fazer uma avaliação mais diagnóstica é um aspecto importante a ser considerado e que colabora para uma superação de avaliação centrada nas provas e exames objetivos. Todas as professoras entrevistadas dizem também avaliar diariamente seus alunos e que isso é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem que acontece na sala de aula. Todas vêem essa necessidade.

Professora 1,

“Eu prefiro avaliar no decorrer das aulas, aquilo que eu observo no dia-a-dia”.

Professora 8,

“Eu avalio todos os dias! Seja corrigindo os cadernos, seja olhando o aluno!”.

Professora 9,

“Para mim, a avaliação é diária e deve ser feita com atividades variadas... A prova em si não é importante. A avaliação é diária. Eu não posso olhar o que o aluno fez naquele dia, naquela hora, naquela prova”.

Professora 10,

“Não dá para avaliar um aluno sem ser pelo seu dia-a-dia”.

Uma das professoras, que também se utiliza da prova e entende sua importância enquanto instrumento que o professor dispõe, apresenta uma visão mais ampla sobre a avaliação e consegue compreender qual o papel que a prova tem no sistema escolar.

“... prova é uma coisa de quantidade... pelo menos as provas padrões que a gente vê por aí são quantitativas e não, qualitativas. Quanto mais ponto, maior a nota. Se o aluno não decorar o questionário, ele não responde. E se ele responde criando diante daquilo que ele entendeu, muitas vezes a professora acha que ele não fez igual ao livro, está errado e acabou. Eu não acho a prova uma coisa importante... dependendo do tipo de prova!” (professora 6).

Segundo a mesma professora, a prova não deve ser um instrumento em que o aluno tenha que demonstrar que sabe, ou não. Para ela, mais importante é aquilo que é possível detectar na prática. Quando é possível compreender que o aluno transformou a si mesmo.

“Pra mim não basta decorar. O conhecimento deve estar relacionado com aquilo que o aluno também demonstra na prática. Ele precisa mostrar o conhecimento concretamente”.

Essa concepção de avaliação apresentada pela professora aproxima-se de uma proposta mais diagnóstica e que, conforme Luckesi (2001), deve ter em vista o avanço e o crescimento e não a estagnação disciplinadora, como já escrevi. Essa opinião também é compartilhada por Antunes (2002) quando este propõe que a avaliação não deve se dar com vistas a um conteúdo apenas, mas que esteja ligada à capacidade de contextualização que o educando é capaz de fazer, seja em outros níveis de pensamento ou outras situações.

Além de verificar a aprendizagem do aluno, algumas professoras também colocam que a prova, ou as atividades de avaliação serve como instrumento para avaliar seu próprio trabalho, ou seja, até que ponto o professor conseguiu ensinar o que queria aos seus educandos.

Na fala da professora 11, podemos ver essa necessidade:

“Uma prova bem elaborada é aquela que consegue dar pra gente a idéia de quanto o aluno conseguiu avançar dentro da proposta que a gente colocou pra ele... Ela é importante como instrumento para te dar uma noção do andamento do seu trabalho, se realmente está indo no caminho que você traçou como objetivo... É o resultado do trabalho. É quando você vai ver que o que você planejou, você trabalhou, deu resultado”.

Como podemos ver na fala dessa professora, o sucesso da prática de avaliar depende, em grande parte, da atitude do professor. Ela centra-se na percepção da avaliação do seu próprio trabalho e, com isso, pode possibilitar que a avaliação torne-se um processo transparente. Neste caso, pode-se ter uma clara visão das noções trabalhadas com os alunos, das aprendizagens estimuladas, etc... Um professor que avalia seu próprio trabalho poderá favorecer a reflexão sobre tentativas e experiências e poderá, ainda, não reproduzir os modelos tradicionais existentes (testes objetivos, provas subjetivas, exercícios com espaços para completar, questionários de escolha múltipla entre outros), dando lugar a uma avaliação mais interativa.

De acordo com a mesma professora, aluno e professor constroem juntos o processo de ensino-aprendizagem. Assim, quando indagada sobre a quem ela considera mais importante fazer uso da prova, vemos:

“Para o aluno, sem dúvida. Para o professor também é importante, porque a ele cabe a tarefa de reorganizar o que tiver que ser, de selecionar conteúdo, de ver qual o melhor método para atingir os objetivos. Então, é lógico que é importante para o professor. Mas, o aluno é o sujeito! É ele quem vai agir para atingir seus objetivos”.

Enfim, conforme pudemos ver, a concepção que um professor tem da avaliação denota aquilo que ele julga importante como instrumento para avaliar seus alunos; e isso, pode levar à práticas mais autoritárias, com uso de provas e testes para obtenção de notas, ou práticas em que o professor procure olhar para o aluno como um dos principais sujeitos do processo ensino-aprendizagem, diagnosticando e sanando dificuldades para o crescimento deste sujeito. Assim, entendemos pois, que a avaliação é um processo que necessita ser assumido pelo professor e pelo aluno conjuntamente, conforme muito já nos colocou Freitas.

4.1.2 – Aspectos positivos e negativos do uso da prova

Levando-se em consideração o que foi explicitado no item anterior, é importante ressaltar que o uso da prova como melhoria para o trabalho do próprio professor também é lembrado, de alguma maneira, pelas professoras como sendo um dos pontos positivos dessa prática na sala de aula. Isso é relevante e importante para se pensar, pois essa positividade pode estar revestida, uma vez que Vianna (2002) diz que, na escola, *“as avaliações são prejudicadas na medida em que os professores ensinam para o teste/prova, considerando que os seus*

resultados muitas vezes são usados para determinar a eficiência do professor” (VIANNA, 2002, p.74).

Tendo em vista os relatos apresentados por essas professoras em suas entrevistas, é possível ver, então, o que é positivo e o que é negativo quando se usa a prova como instrumento de avaliação.

É fato corrente que todas as professoras apresentam em seu discurso, como ponto positivo, a melhoria para seu próprio trabalho e os objetivos buscados para que seu aluno possa ter uma aprendizagem efetiva. No entanto, algumas variações em relação ao que é positivo podem ser notadas de acordo com cada professora.

Para a professora 2, a prova ajuda o professor a entender seu aluno, levando-o a comprovar sobre o que ele pensa sobre esse aluno.

“... eu acho importante para nós porque, às vezes, você fica na dívida. Será mesmo que é isso que eu estou pensando? Será que é isso que eu estou avaliando no dia-a-dia? Então, a prova vem para comprovar, ou não, aquilo que você pensou”.

Por outro lado, é importante observar que esse tipo de análise, praticada por essa professora, leva a uma grande força da avaliação informal e ela acaba comparando seus alunos, de certa forma, em termos dos resultados atingidos na prova.

Mesmo assim, parece que ela tem uma consciência disso e acredita que a forma de avaliação que está presente hoje na escola condiz com a realidade injusta em que vivemos. Portanto, para se alterar tal perspectiva, precisaria alterar, também, todo o sistema de ensino.

“Eu acho que para melhorar essa maneira de avaliar, seria preciso reformular tudo. Eu não acho que só mudando a prova iria mexer em muita coisa. Eu acho que o ensino precisava passar por uma reestrutura geral. Mas, assim, tudo... Tirar essa coisa de só um professor trabalhar com o aluno; enfim, tudo. Não só a prova teria que mudar! Se mudasse tudo, você teria mais condições de estar mais perto do aluno, não sei... avaliar a produção dele com ele mesmo, até numa conversa. Do jeito que é, não sei. Eu acho que só mudar a prova não funciona muito”.

Para a professora 3, o uso da prova é positivo porque é mais um instrumento que o professor dispõe. Mas, assim como a professora 2, seu uso também leva a comparação entre os alunos e uma maneira do professor exercer sua autoridade.

“Ela (a prova) não é a mais importante. Se eu fosse colocar na ordem do que pra mim é um instrumento para avaliar, do mais importante para o menos importante, eu não saberia onde colocar. Depende do momento também. Já teve bimestres em que eu não dei prova para uma turma que eu já tive... eu não dei prova, a bimestral. Então, eu considerarei todos os trabalhos da sala. Vai depender muito do momento e da turma, né?”.

A professora 9 faz o uso da prova em sala de aula e acredita que pode observar, através dessa prática, o que o aluno realmente aprendeu.

“A proposta (da prova) é bem elaborada quando você vê que os alunos aprenderam. É quando você planejou, se dedicou, e viu que as crianças aprenderam”.

Por outro lado, a mesma professora entende que o uso da prova para avaliar um aluno não deve ser único e que não se pode centrar-se somente nela. Assim, o aspecto negativo dessa prática é porque, muitas vezes, não dá ao professor outras alternativas.

“Porque vêm de cima. É imposto já há muito tempo e não dá ao professor a oportunidade de fazer outra coisa. É imposto mesmo! O professor faz porque tem que fazer. Mas, é importante saber que devem existir outras maneiras de avaliar”.

Dessa mesma opinião compartilham outras professoras.

“Eu imagino que seja, de certa forma, uma dificuldade que a gente tem de colocar em prática o que se tem de novo, em termos de ciência, de evolução nesse sentido. Eu acho que é uma dificuldade que a gente tem, porque não é fácil. É uma dificuldade que a gente tem de, às vezes, perceber essa diferença da prova como recurso que você tem para você fazer esse acompanhamento do trabalho, de redimensionar o trabalho, e daquela prova que vai dar nota, que vai dar conceito, que vai qualificar o aluno A e o aluno B. Eu acho que isso é uma coisa muito simples de se falar, muito simples de se ler, mas muito difícil de se fazer” (Professora 11).

“Eu vejo que foi uma forma que foi passada para a gente como uma forma eficaz e que agora é um pouco mais lento pra desmembrar isso. Vai demorar um pouco. Mas eu acho que não é por conta disso que a gente vai degradingolar” (Professora 12).

Na fala da professora 12, é possível perceber, ainda, que a prova é um instrumento de grande utilidade para o professor e que não deve ser desprezado enquanto recurso que a escola dispõe, uma vez que, através dela, é possível ver se um aluno adquiriu conhecimento.

“É aquela história: você corrige e vê se está certo ou errado. É de praxe, não é mesmo? Porque, na verdade, ela é isso. Você corrige a prova e vê que os alunos, na maioria, não foram bem”.

E continua,

“... eu vejo que na educação é assim. Quando aparece algum método novo... por exemplo, quando apareceu o construtivismo. A coisa foi tão assim... foi tanta gente fazendo tanta coisa errada e aí virou uma bagunça tão grande! Nessa época se perdeu muito, o ensino perdeu muito. Eu vejo que as coisas antigas... esse modernismo muito rápido que aconteceu sem as pessoas se prepararem fez a educação perder muito, ficou muito vaga a coisa”.

Diante das falas apresentadas, é preciso levar em conta que não faz sentido preparar para o exame, tendo em vista os objetivos do processo instrucional.

A idéia de ensinar para o teste, apesar de partir do pressuposto de que as provas determinariam o que os professores ensinam e os alunos estudam, não é defensável, se for considerado que os instrumentos de avaliação nem sempre avaliam o relevante e o desejável; desse modo, estaria sendo dada ênfase a atributo menores, em detrimento de capacidades mais importantes que, porém, não foram desenvolvidas face à relação ensino-teste-avaliação (VIANNA, 2002, p.75).

A professora 8 vai mais além em sua opinião e mostra, como aspecto positivo para ela, o uso da prova para qualificar o aluno e controlá-lo; embora, muitas vezes, ela coloque em seu discurso que esse instrumento não tem importância para seu trabalho. Em sua fala é possível perceber, ainda, que não só a prova como também a nota é fundamental na relação diária da sala de aula.

“É mais fácil dar nota do que pensar sobre o aluno. E isso é muito triste! Para mim, a prova não tem validade. Dou porque sou obrigada. Os professores ainda não largaram disso. Você já viu nota para um aluno de 1ª série? Para mim, um aluno cresce a cada dia. O importante é mostrar ao aluno que ele precisa estar preparado para a vida”.

Mas, coloca que:

“Eu acho que o professor não pode ser alienado. Na 3ª e 4ª série, o aluno precisa saber que existe prova. O professor sistematiza o conteúdo para mostrar ao aluno o que ele vai enfrentar na vida. O aluno precisa dessa responsabilidade. Eu preciso dar uma prova para justificar a nota que ele tem”.

De acordo com esses depoimentos é possível entender que as professoras, de alguma forma, modificam sua prática ou metodologia de ensino de acordo com os resultados obtidos pelos alunos nas avaliações. Tal fato se mostra como positivo uma vez que demonstra que o professor tem consciência de seu próprio trabalho e até que ponto isso está sendo benéfico para sua turma. Assim, o professor pode refletir sobre seu próprio trabalho e observando se os objetivos propostos estão, ou não, sendo atingidos.

Por outro lado, no que tange aos aspectos negativos, as professoras entendem que o uso da prova para a avaliação de seus alunos é ruim, porque ainda se configura como uma cobrança do sistema de ensino. Nesse sentido, acaba se tornando, contraditoriamente, uma cobrança pela qualidade de seu próprio trabalho.

Sousa (1997), tem um importante esclarecimento para isso. A autora sugere que *“a avaliação do rendimento escolar tem embutida uma variável ideológica que revela os compromissos políticos, axiológicos e morais correspondentes a um modelo de sociedade que se elegeu. Ela tem sido desenvolvida de forma unilateral: só o aluno é avaliado, ao passo que o professor, as condições de ensino, as possibilidades da escola não são considerados e não são submetidos a qualquer tipo de avaliação”* (SOUSA, 1997, p.129). Sendo assim, quando o professor passa a avaliar seu próprio trabalho, acredita estar rompendo com uma discriminação praticada pela escola e pela sociedade, protestando ter um discurso mais ‘modernizado’. Por outro lado, quando a verificação pela qualidade desse trabalho é confrontada, acaba temendo que a avaliação não seja mais utilizada como instrumento de controle disciplinar, de controle do sistema educacional.

4.1.3 – Atribuição dos Conceitos e Notas

Conforme vimos na fala da professora 8, no item anterior, a questão da atribuição das notas para os alunos ainda tem um grande peso para sua avaliação.

O que sabemos é que as notas, tradicionalmente, têm o poder de decisão sobre o futuro escolar do aluno, ou seja, de acordo com suas notas o aluno poderá ser aprovado ou reprovado; compara-se o objeto avaliado em relação a um padrão estabelecido. Segundo Luckesi (2001), esse padrão refere-se ao número de acertos que o aluno obteve na atividade de avaliação.

“O que predomina é a nota: não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos. São operadas e manipuladas como se nada tivessem a ver com o percurso ativo da aprendizagem” (LUCKESI, 2000, p.18).

O modo como esses conceitos ou notas são atribuídos pelos professores revela sua postura diante da prática de avaliação, ou seja, se está a favor do desenvolvimento e da efetiva aprendizagem ou se legitima a classificação e seleção dos alunos.

A opinião das professoras com relação às notas obtidas pelos alunos ainda está ligada a uma necessidade do sistema escolar e pouco tem a ver com o trabalho feito em sala de aula. Mesmo assim, quando indagadas sobre essa necessidade, acabam mostrando que ainda se ligam muito aos conceitos para classificar um aluno.

Para a professora 09,

“A nota é meramente burocrática. O que eu considero é o que a criança demonstra com aquilo que eu proponho nas atividades ensinadas”.

O mesmo faz a professora 12.

“... avaliar um aluno depende de todo um conjunto. Depende da classe, da proposta que você está usando. Eu dou nota porque precisa mesmo, mas assim, são muitas coisas que você precisa estar olhando”.

A fala dessas professoras parece remeter a uma não-preocupação com as notas. Mas, fica evidente que, a nota está intrinsecamente ligada ao ato de avaliar que, por sua vez, acaba se tornando classificatório.

Os relatos a seguir indicam mais claramente essa necessidade e o uso da nota como maneira de classificar o aluno. Quando indagadas se as notas interferem em seu trabalho, no dia-a-dia da sala de aula, elas respondem:

“Sim, a nota vai interferir. Porque, você sabe, por exemplo... dependendo dos critérios que você usou para avaliar naquele bimestre... se ele passou do satisfatório, ele já passou do que estava bom para você. Se ele não passou, nós vamos precisar rever o que ele precisa fazer de diferente. Eu tenho que pegar ele num grupinho a parte. Vai fazer diferença, né?” (Professora 04).

“É a nota que serve! Ela vem daquilo que o aluno consegue demonstrar” (Professora 05).

É importante verificar que o fundamental não é a atribuição ou não de conceitos ou notas, mas o modo como são aplicados e com qual finalidade. Esse conceito pode legitimar posturas classificatórias em relação ao desempenho do aluno ou pode ser uma forma encontrada pelas professoras de diagnosticar o crescimento do aluno.

Nas entrevistas das professoras citadas anteriormente, podemos observar que a atribuição dos conceitos e das notas tem a finalidade de rotular o aluno e classifica-lo, embora em suas falas isso não apareça de maneira tão clara. Os progressos e dificuldades dos alunos não são levados em conta no momento da avaliação, já que o professor tende a comparar o desempenho do aluno em relação ao desempenho de toda a classe.

Outra professora, por sua vez, consegue perceber que a finalidade com a qual utiliza a atribuição de conceitos ou notas é diferente desta crítica apresentada. Para ela, o modo como atribui esses conceitos deve ter como finalidade o acompanhamento do crescimento do aluno.

“Eu acho que isso é possível desde que ela (a nota) esteja relacionada ao rendimento do aluno com ele mesmo. Se ela estiver relacionada ao rendimento do aluno com os demais, ela perde um pouco... Se você tem um conceito para colocar em cima daquele aluno com ele mesmo, eu acho que serve sim. O que não serve é usar o conceito pra comparar um aluno com o outro. Ai eu acho que fica complicado” (Professora 11).

A crítica que apresenta refere-se à obrigatoriedade da atribuição desses conceitos à concepção tradicional que marca a concepção de avaliação, restrita aos momentos de prova ou atividades em que são atribuídas notas; prática que marca a concepção apresentada também pelos pais, ou até mesmo por outras professoras.

“... através dos conceitos usados no Ensino Fundamental (nessa escola se usa O – ótimo; B – bom; S – satisfatório; I – insuficiente) não dá pra avaliar e deixa os pais sem saber, realmente, o conhecimento do aluno, até que ponto a criança atingiu os objetivos do PPP (Projeto Político Pedagógico)” (Professora 07).

As notas e os conceitos são um caminho que a escola usa para classificar e definir a inserção, ou não, do indivíduo na sociedade. Trabalhar em avaliação com escala de notas é o que a escola realmente sabe. O uso de números no campo avaliatório é referencial básico tanto para professores quanto para os alunos e suas famílias.

A atribuição desses conceitos e notas é um item integrante na prática de avaliação; porém, o importante, é como esse conceito é utilizado pelos professores. Pode favorecer uma postura classificatória em relação ao desempenho do aluno, ou seja, rotulá-lo de acordo com seus resultados nas avaliações, independentemente de seus progressos ou dificuldades; como também, pode servir como um instrumento a mais do professor no acompanhamento do desenvolvimento do aluno.

Os problemas com a nota são decorrentes da falta de explicitação quanto às finalidades da formação do aluno. Dessa maneira é fundamental que se questione: que representa a nota no sistema escolar? Um mero símbolo pelo qual se aprova ou reprova o aluno, ou uma informação quantitativa que deve ser descrita qualitativamente, para que melhorias sejam efetuadas no processo de ensino? (DEPRESBITERIS, 1997, p. 72).

4.1.4 – Quem precisa de prova?

Diante do que vimos no item anterior, fica claro pensarmos que a necessidade da atribuição de conceitos/notas aos alunos vem da necessidade dos professores em classificá-los segundo um grau de aprendizagem. Por conta disso, a nota e a prova acabam adquirindo um caráter classificatório e controlador.

Embora no discurso das professoras esteja presente um certo distanciamento com relação a necessidade do uso da prova e atribuição de notas; o fato é que elas estão bem vivas e corriqueiramente usadas no ambiente escolar. Esse uso é também, pois, reflexo da preocupação dos atores escolares, ou seja, pais, alunos e professores; ou da própria escola.

Quando indagadas sobre a quem é mais importante fazer o uso da prova como instrumento de avaliação, as professoras responderam os diferentes atores dos quais escrevi acima, mas; no entanto, cada uma delas centralizou a pessoa que mais vê a necessidade do uso da prova no sistema escolar.

“É só para a escola. A prova é um documento. Os alunos sabem quais são seus avanços e suas dificuldades e trabalha com o professor para saná-las. O professor tem a vivência do aluno todos os dias. Os pais podem ver os cadernos. Então, só sobra a escola!” (Professora 08).

“Eu acho mais importante para os pais. O pai vem em uma reunião, ele gosta de se sentar e ver as provas dos filhos, né? É uma maneira de eu ir explicando o que os alunos não conseguiram fazer,

porque não conseguiram. Então, é mais uma satisfação para os pais do que propriamente para nós” (Professora 1).

A escola opera com a lógica da classificação, por isso a prova se torna um instrumento que legitima essa prática e é vista pela sociedade como inerente ao próprio processo de aprendizagem, portanto, de vida; conforme vemos nos relatos apresentados.

A escola, de maneira geral, acaba valorizando a avaliação, mais como prática que auxilia o controle e o disciplinamento dos alunos do que como instrumento de verificação do conhecimento adquirido por ele ou como caminho para observação das práticas pedagógicas contidas no projeto político pedagógico. Provavelmente este seja um dos motivos pelos quais se observa, no ambiente da escola, uma acentuada preocupação dos pais com a avaliação. Na medida que a escola estabelece que a avaliação merece ser olhada como fator importante e preocupante, a família também o faz numa clara referência à igualdade de procedimento entre família e escola. É como se a família ‘aprendesse’ com a escola o que é importante para o bom desempenho, o sucesso e a vitória do filho (aluno) (MALAVAZI, 2002, p. 218).

“Eu considero para mim, porque quando eu pego a prova eu olho ali até onde o aluno aprendeu, como está o desenvolvimento dele... Eu sei que para os pais também é importante, porque eles também querem ver. Para a escola é uma prova, um documento. Mas, eu penso, primeiro de tudo para avaliar aquilo que os alunos já atingiram” (Professora 04).

“Eu vejo as provas como um resumo da matéria que foi dada, não vendo aí melhoria para meu trabalho, nem mostrar para a escola. É levar o aluno a se esforçar, procurar cada vez mais melhorar através do estudo para ter uma oportunidade de ocupar um lugar na sociedade como cidadão honesto e capaz” (Professora 07).

A prova também é vista pela escola como um instrumento que determina a qualidade de ensino aí oferecida. A crença de que escolas que reprovam mais são mais eficientes, porque não deixa o aluno ‘fazer corpo mole’, ainda está bastante arraigada na população. Com isso, aqueles professores que vêem o uso da prova com o intuito de classificar seu aluno e, muitas vezes, reprova-lo também podem ser entendidos como ‘durões’ e dos quais os alunos devem temer, portanto, se esforçar.

Aos poucos as crianças incorporam as condições de trabalho produzidas na sociedade capitalista. A escola domestica ou torna dóceis os sujeitos para ingressarem nessa sociedade, vivenciando nas relações escolares, as relações de trabalho em que posteriormente estarão imersos... Dessa maneira, muitos professores acabam por identificar-se com o poder que lhe é atribuído pela avaliação, utilizando-o sem refletir sobre o significado que este representa no processo ensino-aprendizagem (BERTAGNA, 2002, p. 234).

Acontece, ainda, de algumas professoras colocarem a prova acima do patamar escolar e buscam uma idéia de algum ente superior que os ‘obriguem’ quanto ao uso desse instrumento. Elas colocam o sistema de ensino como principal responsável e é como se não tivessem armas para mudar a realidade.

“... infelizmente o sistema te cobra isso. Teoria de faculdade, de livro é uma maravilha, mas a realidade é totalmente diferente. O sistema te cobra nota. Se não houvesse essa questão de prova, de avaliação, como é que o sistema arrumaria um jeito de dar nota para o aluno?” (Professora 06).

A relação escola/sociedade é bastante complexa, em especial, se considerarmos que a escola é um meio de progresso social e, portanto, investe-se nela. Mas esse incentivo ocorre simultaneamente como controle sobre a dinâmica da escola, por meio da hierarquia e da burocracia existentes no sistema, possibilitando à classe dominante mantê-la sob seu controle (BERTAGNA, 2002, p. 234).

4.1.5 – Critérios utilizados para avaliar um aluno

Consideramos importante falar também dos critérios, por ser instrumento que oferece condições para a prática avaliatória. De acordo com os critérios utilizados, eles poderão ser elementos para diagnosticar o rendimento escolar, ou seja, o nível de aprendizagem do aluno, por estarem fundamentados na fidedignidade, na validade e na eficiência de uma avaliação.

As professoras, em geral, buscam critérios de avaliação de acordo com aqueles sujeitos que vêem a necessidade da prova como instrumento de avaliação, citados anteriormente; bem como para qualificar seu próprio trabalho. Assim, esses critérios acabam ou não justificando o uso da prova para a avaliação dos alunos.

Entre os critérios utilizados pelas professoras, os mais citados são: aprendizagem, participação e interesse, desempenho do aluno, capacidade do aluno, organização do aluno, freqüência, higiene, responsabilidade etc. Depresbiteris (1997) acredita que esses critérios, ou

aspectos que se avalia, devem ser promovidos na escola, mas não devem ser instaurados por mecanismos artificiais como é a nota. Devem ser trabalhados não só pelo professor, mas pela escola em toda sua organização. Assim, *“essas atitudes não deveriam merecer uma nota; deveriam sim ser promovidas e avaliadas, mas através de ações e não de uma simples representação simbólica”* (DEPRESBITERIS, 1997, p. 73).

As professoras, dependendo da concepção que tem de avaliação e dos modos como se utiliza para fazer essa avaliação, utilizam como critérios aqueles que mais centralizam a prova ou aqueles que melhor diagnosticam a situação do aluno.

Por exemplo, na fala da professora 07 abaixo, vemos que ela se interessa em observar seu aluno globalmente; mas, os testes objetivos e as atividades em que apenas há a atribuição de notas ainda prevalecem para qualificar e classificar seu aluno. Além disso, ela ainda entende que o professor é o único detentor do conhecimento e ao aluno cabe demonstrar como sua aprendizagem foi garantida. Para Antunes (2002), esse tipo de concepção entende que o conhecimento é um bem que se acumula, *“um material que enchia um reservatório previamente existente no cérebro de cada indivíduo, supostamente vazio”* (ANTUNES, 2002, p. 13).

“Eu acho a prova bem importante, mas também avalio globalmente, como a participação em sala, auto-avaliação, tarefas bem orientadas com a colaboração dos pais, apresentação dos trabalhos feitos em classe seguindo uma seqüência e com o capricho transmitido pelo professor, o modo de falar, o modo de agir... a professora tem a chance de passar isso para os alunos... porque, às vezes, não se tem o bom exemplo de casa. Considero também as chamadas orais e os testes objetivos, que também são importantes”.

De uma mesma opinião compartilha a professora 10:

“É pela participação que eu considero um bom aluno, pelo conteúdo e conhecimento que ele adquire, o modo como se relaciona com os colegas, com o professor... também considero os exercícios feitos em sala de aula, além de estar olhando os cadernos. Então, satisfatório (o resultado) é quando a gente vai dando tudo e ele vai respondendo de acordo com o que foi pedido, com os objetivos”.

Como se vê, os critérios utilizados pelas professoras, de certa forma, dizem muito sobre a importância que ela dá, ou não, à prova. Dependendo daquilo que ela vai avaliar, a prova toma centralidade dentro do processo de ensino-aprendizagem. Isso é ainda mais notado quando

essas professoras dizem utilizar a prova dependendo do tipo de classe com a qual está lidando. Daí, a necessidade desse instrumento se configurar como ameaça aos estudantes.

“Vai depender muito do momento e da turma” (Professora 03).

“... avaliar um aluno depende de todo um conjunto... depende da classe, da proposta que você está usando” (Professora 12).

Embora seja importante estabelecer critérios de acordo com aquilo que se queira avaliar, é importante atentar para a necessidade de uma avaliação que diagnostique a situação do aluno e que não sirva, apenas, para verificar sua aprendizagem e esgotar o trabalho.

Dentre todos aqueles que foram citados pelas professoras, um dos mais importantes, senão o principal, e que pode levar o aluno a uma exclusão maior do que aquelas praticadas pelos instrumentos de avaliação são aqueles considerados informais; ou seja, aqueles em que o juízo do professor sobre seu aluno determina seu futuro ou seu fracasso. Ele diz respeito às opiniões e valores pessoais que o professor coloca sobre seu aluno e suas atitudes, conforme veremos no item seguinte.

4.1.6 – Avaliação Informal

Os critérios de avaliação formais também estão fortemente imbuídos de uma avaliação subjetiva. Portanto, não se pode pensá-las em separado, pois é um equívoco capaz de gerar sérios desvios ideológicos. Pensar a avaliação informal ou subjetiva separada da avaliação chamada objetiva significa entender o mundo das técnicas como independentes, que rodam sobre si mesmos, sem se encontrarem. Nesta perspectiva, cria-se uma separação artificial entre o que é subjetivo e realidades objetivas.

Baseado em alguns elementos objetivos, o professor constrói todo um processo interno de análise cuja manifestação final é a nota ou o conceito. Esse processo leva em conta sua memória sobre o aluno em áreas como o desempenho do conteúdo, sua disciplina e motivação para o estudo e envolve aspectos ideológicos – conscientemente ou não (FREITAS, 1995, p. 61).

Vejamos como a avaliação informal é expressa na fala da professora 05:

“Eu avalio o aluno desde o momento em que ele está na fila de entrada para a sala, na maneira como ele se senta, todas as ações. Eu olho à partir do momento em que ele chega na escola, não só num dia. Eu acho que a gente precisa ver tudo, porque é para não perder o vínculo com o aluno”.

E continua adiante,

“... eu gosto muito de trabalhar com jogos. Então, eu separo a classe em grupos e escolho quem é o líder do grupo pelo o que eu sei daquele aluno. Sempre há um líder e os que são mais lentos”.

Na fala desta professora, podemos ver que ela busca com os alunos aquilo que é importante para si enquanto norma e conduta. E isso passa a ser mais evidenciado quanto ela qualifica os alunos de acordo com critérios pessoais; o que acaba, conforme sabemos, a impregnar a vida do próprio aluno e este passa a assumir esses julgamentos.

Já a professora 10 diz:

“É complicado dar nota porque você cai naquilo do pessoal também”.

Neste relato, podemos ver que a professora se preocupa em estabelecer uma nota ou conceito e que isso está intimamente ligado aos critérios que ela julga serem importantes. Os objetivos que ela estabelece para avaliar seu aluno também dependem do juízo que ela emite a respeito desse aluno.

A fala destas professoras, que nos pareceu as mais contundentes em relação à avaliação informal do aluno, mostra como a escola opera através da seleção dos indivíduos, seja formalmente através das provas, seja informalmente pelos juízos do professor. A esse respeito, Bertagna (2002) diz que *“a avaliação informal ajuda a compor as notas dos alunos, e sua presença se manifesta em especial relacionada ao comportamento que o aluno deveria apresentar durante as aulas (valores)”*. (BERTAGNA, 2002, p. 253).

4.2 – Acompanhando o Conselho de Classe

O Conselho de Classe é um aspecto relevante e que deve ser levado em conta quando se estuda a questão do uso da prova como instrumento de avaliação. Isso porque, é nas reuniões desses Conselhos que o futuro do aluno, muitas vezes, é decidido.

Tendo tal importância em mente, no dia 1º de Julho de 2005 fui acompanhar a reunião do Conselho de Classe da 4ª série, da escola pesquisada. Com o intuito de me tornar uma maior entendedora desta atividade bem como analisar qual a finalidade de se discutir acerca das provas e notas dos alunos em tais reuniões, tal acompanhamento se torna de essencial relevância para este trabalho, posto que colabora para evidenciar a problemática a que me proponho nesta pesquisa; qual seja: de entender o uso da prova como ‘última’ instância definidora das notas e conceitos dos alunos.

Para começar, diria que estas reuniões do Conselho de Classe são, em certa medida, desnecessárias. Digo isso porque, nas duas reuniões que pude acompanhar, esta e a do ano de 2004, não houveram discussões entre as professoras e coordenadora pedagógica a respeito dos alunos, ou de sua aprendizagem propriamente dita. O que se via era, em todo o tempo, o ditado das notas que esses alunos haviam obtido com as provas feitas em sala de aula. No mais, o que se fazia, era discutir a situação deste ou de outro aluno, já evidenciados nas falas de todos os professores como ‘alunos-problema’ e dos quais nada poderia ser feito.

A Orientadora Pedagógica me disse que não há tempo para se conversar sobre todos os alunos e que aqueles considerados como ‘alunos-padrão’ são sempre os primeiros a serem analisados, pois os demais se farão em comparação com estes. Esses alunos considerados bons são vistos assim à partir de suas notas e comportamento em sala de aula.

A fala da professora 10 parece ilustrar esse ditado de notas que acontece no Conselho de Classe, além de evidenciar como a opinião do professor sobre seu aluno (avaliação informal) tem grande peso:

“... a prova é mais mesmo uma questão de mostrar no dia da reunião... quando eu vou para o Conselho, eu praticamente não levo nada. Eu lembro tudo de memória. Já tenho todos os conceitos na cabeça”.

Sobre isso, Hoffman (2001), num trecho que já citado diz que *“tendo por objetivo a oportunidade de reunir professores para refletirem sobre a aprendizagem dos alunos, esses momentos (Conselhos de Classe) sofreram a influência dos modelos classificatórios e tornaram-se sessões de julgamento, muitas vezes, com réus e culpados... Professores, em Conselho de Classe, tendem seriamente a explicar e justificar resultados alcançados ao longo de um tempo, muito mais do que buscar alternativas de superação”* (HOFFMAN, 2001, p. 27).

A fala de outra professora, que neste trabalho está identificada como professora 2, parece colaborar para mostrar como a avaliação, ou melhor, a prova também é vista como fator de medo sobre estudantes. A certa hora de uma conversa sobre o aluno X, os professores discutiam sobre se deveriam melhorar seu conceito de I (insatisfatório) para S (satisfatório) na tentativa de estimulá-lo a estudar mais e assim, melhorar seu desempenho. A professora 2, então, sugeriu que se mantivesse o I para assustá-lo; pois assim, ele veria que não progrediu no bimestre, portanto passaria a estudar mais e sob seu controle. E complementou dizendo, com um sorriso para mim, de que avaliação é isso; “para assustar mesmo!”.

Além de ditar notas, a reunião do Conselho também discursa sobre a situação do aluno enquanto participante da sociedade e, sobretudo, sobre seu envolvimento com sua família. A justificativa para classificá-lo como ‘aluno-problema’ sempre advém da desestrutura familiar, das más companhias, da falta de uma melhoria em suas condições de vida. O professor, ou a escola de maneira geral, neste processo, é descartado enquanto sujeito responsável pela educação, desenvolvimento e aquisição de conhecimento refletindo em boa aprendizagem.

Souza (1997) aponta esse aspecto como central nas reuniões de Conselho. Segundo a autora, “os conselhos de classe bimestrais, em que se reúnem professores e técnicos da escola, têm servido para que sejam apontados os alunos que não obtiveram, em cada área de ensino, aproveitamento e identificadas as causas. É ainda, nesses conselhos que são veiculadas informações de caráter pessoal dos alunos e de seu desempenho anterior” (SOUZA, 1997, p. 90).

Nas entrevistas das professoras também é possível ver como o Conselho de Classe se configura como importante momento para se discutir a respeito das provas e notas dos alunos e onde estas têm grande centralidade.

“... na hora em que a gente está no Conselho eu tenho que levar a nota, não dá para levar o aluno (risos). E também para não ficar só a minha leitura. Quando eu tenho a coisa no papel, muitas vezes fica só a minha leitura... quando a gente trabalha com o texto, não dá pra dizer que ele é assim ou assado na produção de texto, né? Então, eu tenho que levar o texto do aluno”.(Professora 03).

“... eu nunca tenho uma prova para mostrar para a Orientadora Pedagógica. O que eu faço é separar algumas atividades que considero importantes, exercícios em que trabalho os conteúdos. Eu grampo tudo e levo para o Conselho” (Professora 08).

Pela fala dessas professoras, fica evidente pensar que a questão burocrática de notas e provas, ou mesmo 'atividades importantes' toma centralidade no processo de discussão sobre a situação do aluno em determinada série. Assim, os professores acabam por privilegiar os resultados alcançados ao longo do tempo, muito mais do que buscar alternativas de superação e melhoria da aprendizagem do aluno.

A excessiva preocupação burocrática desvia a atenção dos educadores das questões de aprendizagem. Em espaços de tempo absurdamente restritos, ditam rapidamente notas ou conceitos, apresentam 'queixas' sobre atitudes dos alunos, sem tomar nenhuma decisão conjunta sobre como prosseguir à partir dali (HOFFMAN, 2001, p. 28).

Além disso, os professores parecem perceber que as opiniões dos colegas, nas discussões do Conselho, servem como afirmativa para o que pensa sobre seu aluno. Assim, é como se sentissem 'aliviados' por compartilhar uma mesma opinião e não se responsabilizar pela vida daquele aluno.

"Eu sinto resultados satisfatórios pela maneira com que, através da prova, as crianças se expressam e pelo Conselho de Classe em que os professores opinam sobre o aluno" (Professora 07).

"... eu vejo a opinião do Conselho" (Professora 09).

Souza (1997), assinala que os professores tendem, assim, a considerar válidas as reuniões do Conselho, pois permite que cada professor perceba como está o desempenho do aluno nas diversas áreas.

Parece importante para o professor saber que o aluno que 'não vai bem em sua área' está 'mal com todos os professores', o que significa que o aluno deve ser ruim mesmo e seu baixo rendimento não é certamente 'problema do professor ou com ele'. A tendência é situar o fracasso entre dois pólos: o aluno ou o professor (SOUZA, 1997, p. 90).

Como se pode ver, o Conselho é bastante significativo para a vida escolar do aluno. É o espaço onde se decide sua aprovação ou reprovação.

Na verdade, este espaço deve ter como perspectiva uma avaliação conjunta dos professores, buscando uma prática de trabalho coletivo norteadas por uma proposta comum de

trabalho. Esses espaços de discussão devem confrontar diferentes visões de ensino, de educação. No entanto, por serem tão pontuados no cotidiano da escola, acabam não tendo força para fazer gerar uma proposta articulada de trabalho, através dos confrontos que certamente surgirão. Assim, acabam dedicados, essencialmente, a discussão de aspectos burocráticos e acertos e negociações de notas ou conceitos. Não são um espaço para aprofundar, no interior da escola, a discussão do processo avaliativo, e a partir daí do próprio projeto pedagógico que é vivenciado pela escola.

Para atribuir significado a esses processos, educandos e educadores precisam estar engajados numa discussão que não tem por finalidade o cumprimento burocrático da avaliação, mas a reflexão conjunta, o apoio pedagógico e interdisciplinar na resolução de problemas de aprendizagem que fazem parte de seu cotidiano (HOFFMAN, 2001, p. 28).

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A DIFÍCIL RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM

Nos últimos tempos, as questões que envolvem os processos de avaliação passaram a ter um papel central em muitas discussões de pedagogos e profissionais da educação. São muitas e diversas as razões que podem explicar esse papel de protagonista, como aquelas relacionadas à avaliação e às atuações ou decisões associadas a ela.

A avaliação do processo ensino-aprendizagem está muito mais atrelada com a reprovação do que com a aprovação, e disso decorre sua contribuição para a seletividade social. Devemos observar que a prática da avaliação escolar, dentro do modelo liberal conservador, terá de, obrigatoriamente, ser autoritária, pois esse caráter pertence à essência dessa perspectiva de sociedade, que exige controle e enquadramento dos indivíduos nos parâmetros previamente definidos de equilíbrio social. A avaliação educacional será, assim, um instrumento disciplinar dentro do sistema educativo inserido na comunidade.

Esta pesquisa procurou entender e explicitar o uso da prova como instrumento de avaliação, a fim de compreender porque seu uso é tão corrente no meio educacional sabendo-se que, nos dias atuais, tal instrumento é, em geral, considerado como mecanismo de repressão do professor sobre seus alunos ou, até mesmo, ineficaz na identificação da real aprendizagem do aluno. Importante notar que, a avaliação educacional está relacionada a uma concepção de homem, de sociedade, ao Projeto Pedagógico da instituição. É justamente por isso que precisamos refletir, pois nos deparamos com uma distorção; qual seja, uma distância entre o discurso e a prática, em função da alienação que perpassa nossas relações sociais.

Na escola pesquisada, tomando como dados de análise as entrevistas e questionários respondidos pelas professoras, vemos que os sucessos/insucessos dos alunos e dos professores são, em geral, equacionados em função das regras formais de funcionamento. Analisados, os resultados obtidos pelos alunos nas provas, através de suas notas, são objetos de posturas quase sempre arbitrárias, ou de sanções formais ou ainda de decisões pontuais das hierarquias que se estabelecem no cotidiano escolar. Prova disso são as reuniões de Conselho de Classe.

Levando em consideração o lado pedagógico, a função verdadeira da avaliação da aprendizagem seria a de auxiliar a construção da aprendizagem satisfatória; porém, como ela ainda está centrada nas tradicionais provas e exames, secundariza o significado do ensino e da aprendizagem como atividades significativas em si mesmas e superestima os exames. Ou seja,

a avaliação da aprendizagem, na medida em que estiver polarizada por esses exames, não cumprirá a sua função de subsidiar a decisão da melhoria da aprendizagem.

Diante de tantos dados relevantes que se pôde analisar para a compreensão do uso da prova como instrumento de avaliação utilizado pela escola pesquisada, pudemos constatar que esse uso está vinculado à concepção de avaliação que cada professor traz consigo, próprio de suas vivências e experiências. Evidentemente, o sentido dado pelo professor à avaliação está ligado à sua concepção de educação: o professor tem como postura frente ao ensino e à avaliação a concepção de transmissor ou educador, num sentido mais amplo. Como transmissor, ele tem como tarefa transmitir e fiscalizar a absorção do transmitido, portanto, a avaliação seria igual ao controle e coerção. Como educador, sua tarefa seria a de ensinar e fazer o máximo para que o aluno aprenda; por conseguinte, a avaliação seria igual a acompanhamento e ajuda.

A partir da postura adotada pelas professoras, foi possível compreender que o processo de avaliação do rendimento escolar está intimamente ligado à verificação da aprendizagem do aluno através do desempenho obtido na prova. O conhecimento é tido como um dado certo e as respostas certas se referem sempre “ao que foi ensinado”. Dessa forma, o conteúdo que aluno (supostamente) aprendeu deve ser mostrado ao professor sempre que este queira observar se essa aprendizagem foi garantida. Com isso, a prova acaba sendo um processo unilateral da escola e a conduz a um autoritarismo com conseqüências sociais e pessoais danosas ao indivíduo, ou seja, ao aluno.

Diante dessa postura adotada pelo professor em geral, a prova acaba possuindo aspectos positivos e negativos na visão daqueles que avaliam. Entre os pontos positivos destaca-se a melhoria que este instrumento representa para o trabalho do professor a partir da reflexão que ele faz sobre sua prática, bem como os objetivos que devem ser continuamente buscados para que o aluno aprenda sempre e mais. Por outro lado, tal perspectiva também se mostra negativa na medida em que se configura como uma cobrança pelo trabalho do próprio professor. Um educador que não realiza constantemente avaliação de sua ação educativa, no sentido de indagação, investigação, do termo, instala sua docência em verdades absolutas, pré-moldadas e terminais. Pudemos perceber, além disso, que o ponto negativo desse uso acaba fortalecendo as relações de autoridade, qualificação e controle do professor sobre o aluno, através da avaliação informal, como também uma centralidade na obtenção de notas.

As notas, por sua vez, conforme dito, ainda tem um grande peso para a avaliação do aluno e estão ligadas também a postura do professor. O que pudemos observar foi que a

atribuição dessas notas e/ou conceitos tem a finalidade de rotular e classificar o aluno, posto que as professoras tendem a comparar o desempenho de seu aluno em relação ao desempenho da classe toda. Os progressos e dificuldades dos alunos são pouco levados em conta na hora de diagnosticar a situação do aprendiz. Acaba assim, que a relação entre sujeitos, ou seja, professor e alunos, passa a ser ditada por uma relação entre coisas: as notas. Os conceitos, a nota, são conferidos ao aluno sem interpretação ou questionamento quanto ao seu significado e poder.

Como a escola opera com a lógica da exclusão própria da sociedade capitalista, a prova se torna um instrumento que legitima essa prática e é vista por toda essa sociedade como inerente ao próprio processo de aprendizagem. Seu uso é, pois, reflexo da preocupação dos atores escolares, ou seja, pais, alunos, professores ou, da própria escola. Alunos estudam porque precisam de boas notas; pais querem garantias de um 'ensino de qualidade' e professores são considerados 'durões' porque reprovam mais e os alunos os temem.

Por conta desses atores escolares, os critérios utilizados para avaliar um aluno justificam, ou não, o uso da prova. Aspectos como aprendizagem, participação, interesse, organização, capacidade, frequência, higiene etc. são os mais considerados na hora em que se precisa verificar a aprendizagem. De qualquer forma, os testes objetivos e as atividades em que há apenas a atribuição de notas ainda prevalecem. Além disso, entende-se ainda que o professor é o único detentor do conhecimento e ao aluno cabe demonstrar como sua aprendizagem foi garantida. Essa aprendizagem ainda é, também, bastante considerada por conta da avaliação informal que o professor faz sobre seus alunos, porque; ao contrário do que se pensa, a escola opera através da seleção dos indivíduos, não apenas formalmente pelas provas, como também pelos juízos que o professor emite do seu aluno.

Importante ainda mostrar que percebemos que, as reuniões de Conselho de Classe nada mais fazem do que ditar notas obtidas pelo aluno ao longo do período escolar ou, mais do que isso, que sua participação no contexto escolar está marcada por uma comparação entre aqueles que são considerados 'alunos-padrão' e aqueles tidos como 'alunos-problema'. Nessa perspectiva, há sempre uma ausência de responsabilidade da escola ou do professor em relação a esses alunos e pouco, ou nada se faz para melhorar essa qualidade que vimos tendo até hoje no sistema educacional. A questão burocrática das provas e notas ainda tem centralidade nas discussões sobre a situação dos alunos e, as alternativas de superação e melhoria da aprendizagem não são privilegiadas.

Precisamos aprender a lidar com o descompasso entre ensino e avaliação que vem se instalando nas salas de aula. No ensino, conceitos modernos de pedagogia, baseados em habilidades, são incorporados ao discurso e à prática das escolas. Na avaliação, porém, ainda impera o modelo desenvolvido pelos jesuítas no século XVI.

A questão que a nossa pesquisa explicitou aqui é muito complexa, porque diz respeito à avaliação formal vigente no sistema e se encontra por demais arraigada para que novas alternativas sejam propostas. O processo de avaliação também faz parte do processo de exclusão social! Por essa via julgamos fundamental a modificação do processo de avaliação tal como se desenvolve hoje. A falta de uma visão mais adequada do que seja avaliar a aprendizagem tende a reduzir a limites estreitos a compreensão do processo de conhecimento e, conseqüentemente, a compreensão do que é ensinar e aprender. É, a partir da análise de situações vividas pelos educadores no seu cotidiano, através da expressão e manifestação de suas dúvidas e anseios, que poderemos conduzir nossas ações e compreendê-las numa outra maneira de ver.

A avaliação deve se destinar a diagnosticar alguma coisa e, por isso mesmo, à inclusão. Sabedores de grande responsabilidade que recai sobre nossos ombros, o momento é de pensar sobre o assunto, e se espera que o referido trabalho sirva como uma ferramenta de reflexão sobre o assunto para uma quebra de paradigmas, onde a avaliação seja um processo de harmonia e, no qual, todos estejamos realmente engajados.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Almerindo Janela. *Avaliação Educacional: Regulação e Emancipação: para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas* – São Paulo: Cortez, 2000.

ANTUNES, Celso. *A Avaliação da Aprendizagem Escolar* – Fascículo 11/ Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BERTAGNA, Regiane Helena. *O formal e o informal em avaliação*. IN: FREITAS, Luiz Carlos de (org.). *Avaliação: construindo o campo e a crítica* – Florianópolis: Insular, 2002, pp. 231-256.

DEPRESBITERIS, Lea. *Avaliação da aprendizagem – Revendo conceitos e posições*. IN: SOUSA, Clarilza Prado de. (org.). *Avaliação do rendimento Escolar* – 6ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 1997, pp. 51-82

FREITAS, Luiz Carlos de. *Crítica da Organização do Trabalho e da Didática* – Campinas, SP: Papyrus, 1995.

FREITAS, Luiz Carlos de. *Ciclos, Seriação e Avaliação: Confronto de Lógicas* – São Paulo: Moderna, 2003 – (Coleção Cotidiano Escolar).

HAYDT, Regina Célia Cazaux. *Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem* – São Paulo: Ática, 1995.

HOFFMAN, Jussara Maria Lerch. *Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade* – Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

HOFFMAN, Jussara Maria Lerch. *Avaliar para promover: as setas do caminho* – Porto Alegre: Mediação, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições* – 10ª ed. – São Paulo: Cortez, 2000

LÜDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas* – São Paulo: EPU, 1986.

LÜDKE, Menga e MEDIANO, Zélia. *Avaliação na escola de 1º grau: uma análise sociológica* – 6ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 1992.

MALAVAZI, Maria Márcia Sigrist. *Os Processos Avaliativos: entre os pais e a vida escolar dos filhos*. IN: FREITAS, Luiz Carlos de (org.). Avaliação: construindo o campo e a crítica – Florianópolis: Insular, 2002, pp. 215-230.

OMOTE, Sadao e CHACON, Miguel Cláudio Moriel. *Atribuição de Notas a Redações de Alunos de Primeiro Ciclo de Ensino Fundamental*. IN: RAPHAEL, Hélia Sônia e CARRARA, Kester (orgs.). Avaliação sob Exame – Campinas, SP: Autores Associados, 2002, pp. 121-136.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da Excelência à regulação da aprendizagem – entre duas lógicas* – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SOBRINHO, José Dias. *Campo e Caminhos da Avaliação: a Avaliação da Educação Superior no Brasil*. IN: FREITAS, Luiz Carlos de (org.). Avaliação: construindo o campo e a crítica – Florianópolis: Insular, 2002, pp. 13-62.

SOUSA, Clarilza Prado de. (org.). Avaliação do rendimento Escolar – 6ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 1997.

SOUZA, Sandra Zákia Lian. *Revisando a Teoria da Avaliação da Aprendizagem*. IN: SOUSA, Clarilza Prado de. (org.). Avaliação do rendimento Escolar – 6ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 1997, pp. 27-50.

VIANNA, Heraldo Marelim. *Questões de avaliação educacional*. IN: FREITAS, Luiz Carlos de (org.). Avaliação: construindo o campo e a crítica – Florianópolis: Insular, 2002, pp. 63-88.

VIEIRA, Ricardo. *Histórias de Vida e Identidades: Professores, Identidades e Interculturalidade* – Porto: Afrontamento, 1999.

7 - ANEXOS

7.1 – Transcrição das Entrevistas

Professora 1

1- O que é um bom aluno para você?

Eu considero um bom aluno aquele que tem interesse em aprender, que presta atenção, que tem vontade. Eu acho que isso são condições básicas para um aluno aprender!

2- O que é uma prova bem elaborada?

(risos) É difícil falar o que é uma prova bem elaborada. Eu faço a prova de acordo com aquilo que eu dei. A matéria que eu trabalhei ... eu procuro da melhor maneira, da melhor forma possível fazer uma prova dentro daquilo que eu ensinei, né?!

3- Por que a prova é importante para você?

Olha, eu não acho a prova importante não. Eu dou mais a prova para ter o que mostrar aos pais no dia da reunião, porque eu não considero a prova um elemento essencial pra avaliar um aluno. Eu prefiro avaliar no decorrer das aulas, aquilo que eu observo no dia a dia.

4- Qual a frequência com que você usa este instrumento?

Eu dou normalmente umas 3 provas por bimestre.

5- Por que nós, professoras, utilizamos com tanta frequência a prova?

Olha, eu acho que nem é preciso usar assim a prova. Eu trabalho um assunto e depois dou uma prova para ver quem dominou aquilo que eu ensinei e pra ter uma maneira de julgar ... é como eu disse, uma maneira de mostrar. Como eu disse, o pai, a mãe, observa os cadernos todo dia. Quer dizer, alguns observam os cadernos todos os dias. Então, quando chega numa reunião de pais, você precisa de alguma coisa pra mostrar pros pais. Pra mostrar o que os alunos aprenderam, como eles estão, né? Eu uso dessa forma!

6- Na sua opinião, quando se pode considerar que o resultado de uma prova foi alcançado satisfatoriamente?

Quando a maioria da classe consegue fazer aquilo que eu ensinei.

7- Você acredita que há outros meios de avaliação mais eficazes do que a prova? Quais?

É o que eu já falei anteriormente. É a observação diária do aluno, daquilo que ele é em classe, é mais importante do que a avaliação. Porque no dia da avaliação ele pode ficar nervoso, ter um 'branco', vamos dizer; e não conseguir fazer aquilo que ele faz normalmente em sala de aula.

8- As notas obtidas por um aluno servem de parâmetros para o trabalho que fazemos com ele, em sala, diariamente?

Eu não acho que a nota não tem um peso fundamental, mas eu acho que ela ajuda no processo que a gente usa pra avaliar.

9- Você seria capaz de avaliar todos os seus alunos sem recorrer ao uso da prova? Seria.

10- À quem você considera mais importante fazer o uso da prova: à escola, aos professores, aos alunos, aos pais?

Eu acho mais importante para os pais. É como eu já disse no começo. O pai vêm em uma reunião, ele gosta de se sentar e ver as provas dos filhos, né? É uma maneira de eu ir explicando o que os alunos não conseguiram fazer, por que não conseguiram. Então é mais uma satisfação para os pais do que propriamente para nós.

Professora 2

1- O que é um bom aluno para você?

(risos) Difícil! Bom aluno é aquele que se interessa, que vêm até você fazer perguntas, que te questiona, que está interessado na matéria. Num todo da sala ele está interessado e por conta disso ele apresenta, um bom resultado de conteúdo, de escrita. Pra mim é isso!

2- O que é uma prova bem elaborada?

Uma prova bem elaborada? É aquela que faz o aluno pensar, fazer relações de uma coisa com outra. Eu acho que isso é o melhor.

3- Por que a prova é importante para você?

Olha, eu acho que pra nós, professoras, não precisaria tanto de prova, porque pelo geral da classe você vai vendo quem está melhor, quem está com dificuldade. Mas, às vezes, eu acho importante pra nós porque você fica na dúvida. Será mesmo que é isso que eu estou pensando? Será que é isso que eu estou avaliando no dia a dia. Então a prova vem pra comprovar, ou não, aquilo que você pensou, né? E para os pais também, né? ... os pais sempre precisam. Não adianta você chegar pro pai e dizer assim: olha, na classe, seu filho é assim, assim. Precisa mostrar um resultado para os pais.

4- Qual a frequência com que você usa este instrumento?

Olha, eu estou trabalhando com Português e Ciências, né? Então, no Português eu estou fazendo ... olhando no dia a dia como o aluno participa, como são as atividades dele, como ele está pensando nas respostas e tal. Eu tenho dado escrita toda semana, assim, redação. Então eu estou avaliando toda semana, vendo como está e vou ajudando. Aí já dá pra ter uma idéia. Aí quando chega mais pro final do bimestre, eu dou uma redação que eu falo assim: _ olha, eu não vou ajudar nessa! Não vou ajudar e quero ver como vocês estão produzindo sozinhos! Aí eu dou uma avaliada. Eu também uso uma interpretação. A gente faz durante o bimestre várias interpretações de texto e quando eu tenho que dar a nota eu falo que eles tem fazer sozinhos para eu ver como eles estão. E de Ciências eu também tenho dado prova. Só que de Ciências eu achei que não funcionou muito não. Não gostei e acho que vou ter que mudar alguma coisa.

5- Por que nós, professoras, utilizamos com tanta frequência a prova?

(risos) Olha, eu acho que é primeiro para os pais que a gente tem que dar essa satisfação, mostrar algo concreto assim. Poderia até usar o caderno, mas o caderno, muitas vezes, tem correção e não mostra o que o aluno ainda produz por ele mesmo, tem sempre intervenção. Eu não sei ... é como eu te falei. Às vezes eu fico na dúvida, mas pelo geral do aluno, pelo dia a dia você tem uma idéia. Você está com aquela idéia, mas daí você pensa: será que é isso mesmo? Será que eu não estou enganada? Então eu preciso de alguma coisa, vamos dizer, de uma produção pra falar assim: _ não, é isso que eu estou pensando mesmo ou não, não é bem isso! É para isso.

6- Na sua opinião, quando se pode considerar que o resultado de uma prova foi alcançado satisfatoriamente?

Quando foi alcançado? Vamos dizer assim ... é quando o que eu esperava com aquela prova, com aquelas questões, ele atingiu. Quando ele atingiu isso eu acho que foi bom. Ou está quase 'chegando lá', né?

7- Você acredita que há outros meios de avaliação mais eficazes do que a prova? Quais?

Mais eficazes? Eu acho que para melhorar essa maneira de avaliar, seria preciso reformular tudo. Eu não acho que só mudando a prova iria mexer em muita coisa. Eu acho que o ensino precisava passar por uma reestrutura geral. Mas, assim, tudo ... tirar essa coisa de um só professor trabalhar com o aluno, enfim, tudo. Não só a prova teria que mudar! Se mudasse tudo, você teria mais condições de estar mais perto do aluno, não sei ... avaliar a produção dele com ele mesmo, até numa conversa. Do jeito que é, não sei. Eu acho que só mudar a prova não funciona muito. Mas também não sei o que poderia ser, sinceramente.

8- As notas obtidas por um aluno servem de parâmetros para o trabalho que fazemos com ele, em sala, diariamente?

Eu acho que a nota interfere ... eu acho. Eu acho que a gente procura, ou mudar a forma de trabalhar, procurar outras saídas assim, né? Não que talvez você mude tudo, mas procurar outra saída e, às vezes, dar uma atenção especial para aqueles que estão com mais dificuldade.

9- Você seria capaz de avaliar todos os seus alunos sem recorrer ao uso da prova?

Olha, eu acho até que daria sim, porque às vezes a gente dá uma 'vacilada' em algumas coisas. Eu acho que daria para dar uma avaliada sim. Depois de um certo tempo você consegue isso. No começo do ano você fica meio ... no começo você fica meio apreensiva, mas depois de um certo tempo você passa a conhecê-los.

10- À quem você considera mais importante fazer o uso da prova: à escola, aos professores, aos alunos, aos pais?

Eu gosto, pra mim, para fazer um trabalho de ajudar aqueles que estão com mais dificuldade. Pra mim é importante pra isso. Agora, pra mais importante, eu não sei. Para os pais você tem que mostrar, né? A prova em si tem que servir para você ajudar o aluno. Se não for pra isso ... então eu acho que pra mais importante é para nós professores. Mas tem outras maneiras de ver. Não precisa da prova em si. É como eu disse ... às vezes a prova vem pra

confirmar: _ não, é isso mesmo e ele está precisando de ajuda! Ou não, este aqui não precisa tanto de ajuda.

Professora 3

1- O que é um bom aluno para você?

(risos) O que eu considero como bom aluno? É difícil depois desse 'incidente' dizer o que é um bom aluno! (dois alunos seus foram encaminhados à diretoria por terem pego o estojo de uma colega de sala e não queriam devolvê-lo). Por exemplo, aqui na sala o Guédison é um bom aluno na questão de aproveitamento. Ele participa das atividades, embora tenha alguns problemas 'comportamentais' que interferem. Eu vejo como bom aluno aquele que preenche os pré-requisitos mínimos aí ... todos os fatores. É o que participa, também tem um bom aproveitamento quando a gente fala na questão da sistematização da avaliação, formalizando. É o que consegue, pelo menos, caminhar junto, está acompanhando.

2- O que é uma prova bem elaborada?

Bem elaborada? É a que começa até na questão de bem apresentada, no visual. Algumas coisas que a gente até tem discutido aqui é o uso do mimeógrafo, que atrapalhava a criança, no que ela estava lendo. Por isso agora estamos vendo essa questão do xerox. A prova bem elaborada começa na parte do visual, da preparação e também questões novas, que não sejam aquelas só de localização. Se agente está trabalhando com texto é importante que a gente busque novas coisas para que não fique só ... dar um bom encaminhamento naquilo que a gente quer, no objetivo da questão. Outras maneiras de se colocar o mesmo conteúdo. Tem que ter apresentação legível para eles entenderem e tem que estar, no mínimo, coerente com o que a gente trabalhou, né? Tem que ter aquela coisa de ... deu o texto então vai procurar no texto. Tem que estar dentro daquilo que se quer alcançar. E também que dê um retorno pra gente estar acompanhando o que o aluno conseguiu ou não. Porque, na verdade, a gente tem só uma noção do que o aluno aprendeu, não uma idéia exata. Uma hora tem que ter uma coisa mais formal pra gente usar, né?

3- Por que a prova é importante para você?

Eu acho que ela é importante como todas as outras coisas. Ela não é a mais importante. Se eu fosse colocar na ordem do que pra mim é um instrumento pra avaliar, do mais importante para o menos importante eu não saberia onde colocar. Depende do momento também. Já teve

bimestres que eu não dei prova para uma turma que eu já tive ... eu não dei prova, a bimestral. Então eu considere todos os trabalhos da sala. Vai depender muito do momento e da turma, né? A prova não é a mais importante. Ela é só mais instrumento que a gente tem; inclusive porque a própria família tem essa concepção. Muitas vezes a gente quer fazer outras coisas, mas tem aquela coisa da família de querer comprovar, de ver no dia da reunião. São até coisas que a gente está tentando mudar, né?

4- Qual a frequência com que você usa este instrumento?

Eu me polio para, pelo menos, dar uma no bimestre. Só.

5- Por que nós, professoras, utilizamos com tanta frequência a prova?

Então, é essa questão da família que quer ver. A questão da parte administrativa que coloca pra gente sobre os recursos. “olha, então como você vai ter ... vai provar”. Então tem todas essas coisas da burocracia que também interferem no processo. Por exemplo, eu gostaria de estar entregando ao longo do ano, tudo pra eles, porque eu acho que o material é deles. Mas, a gente, às vezes, acaba ficando com a avaliação arquivada até passar o prazo de Janeiro para depois poder devolver. Às vezes, até o aluno já mudou de escola e a gente fica com o material dele.

6- Na sua opinião, quando se pode considerar que o resultado de uma prova foi alcançado satisfatoriamente?

Quando eu me fiz entender na prova. Porque, às vezes, eu acho que a prova está estúpida e dá tudo errado. Não fui clara, me parece que foi mais uma armadilha. E quando eu sinto que está nesse ‘pé’, não acho legal. Não que ele foi assim ... Eu estou trabalhando mais com Matemática, História e Geografia esse ano ... é quando eu posso ter um retorno do que eles estão mesmo conseguindo, alcançar mesmo os resultados de aprendizagem através desse instrumento. Mesmo que eu perceba que a criança está em dificuldade em determinado assunto, eu tenho negociado. Nós vamos ver se ela entende em outro momento. Então, aí pra mim a prova se torna bem importante.

7- Você acredita que há outros meios de avaliação mais eficazes do que a prova? Quais?

Eu acho que nada é eficaz, nem a prova é. Porque você trabalha determinado assunto em dupla, depois dá a prova individual ... eu acho que aí já quebra o esquema, já não é o mesmo esquema do processo que você usou, que você estava trabalhando. Então eu acho que se você encaminha o trabalho de diferentes formas, a avaliação tem que ser também ... não dá pra ser tão fechadinha. Eu acho também que essa é a vantagem de ser professor de 1ª à 4ª, porque você tem essa possibilidade da frequência das aulas. Talvez num outro ciclo de 5ª à 8ª fique mais difícil. Aí, vai ter que garantir esse momento da prova porque você não vai estar lá sempre. Então a gente tem esse momento, essa coisa do vínculo e tal, com mais frequência.

8- As notas obtidas por um aluno servem de parâmetros para o trabalho que fazemos com ele, em sala, diariamente?

Não, não é a nota, mas o que eu tive de retorno na avaliação, com qualquer um dos instrumentos. Não é a nota.

9- Você seria capaz de avaliar todos os seus alunos sem recorrer ao uso da prova?
Com certeza.

10- À quem você considera mais importante fazer o uso da prova: à escola, aos professores, aos alunos, aos pais?

Pra tudo, porque as exigências são as mesmas. Eu tenho que ter esse retorno pra ter um parâmetro claro, estar replanejando ou intensificando determinado procedimento e porque na hora que a gente está no Conselho (de classe) eu tenho que levar a nota, não dá pra levar o aluno (risos). E também pra não ficar só a minha leitura. Quando eu tenho a coisa no papel, muitas vezes fica só a minha leitura ... quando a gente trabalha com o texto, não dá pra dizer que ele é assim ou assado na produção de texto, né? Então, eu tenho que levar o texto do aluno. Se é a provinha do aluno, ou o exercício que eu dei na sala, eu tenho que estar levando, também ajuda nisso, né? É também como eu te falei. O pai tem que dar uma olhada. _ Ai, como você diz que ele não sabe se em casa ele fez isso? Então é para os pais, por que se você não tem o caderno, você também pode dizer que no dia da prova ele faltou, eu não tive aquele retorno, eu não sei se ele sabe mesmo porque a gente tem trabalhado em grupo. É isso.

Professora 4

1- O que é um bom aluno para você?

Um bom aluno pra mim? É o aluno que fica atento a todas as explicações, que participa dando idéias ou falando o que não entendeu, que traz as lições de casa feitas, porque daí é sinal de que também trabalhou em casa ... esse pra mim é um bom aluno.

2- O que é uma prova bem elaborada?

Bom, como eu tenho trabalhado, pela segundo ano, com a 1ª série, eu não elaboro, assim, prova. Eu dou algumas atividades em que eu possa acompanhar se a criança realizou sozinha, que eu veja ali o que ela achava que era e me entregou ... eu uso aquela atividade como sendo a prova e avalio por ali também. Esse é um dos modos de eu avaliar!

3- Por que a prova é importante para você?

É importante! É assim como eu falei, a prova são as várias atividades que a gente dá no decorrer do bimestre. Não é uma coisa determinada para um dia e tal. Eu uso essas atividades como valendo prova e lógico que é importante porque você tem que ter um documento ali da escrita da criança provando que ela já sabe o que ela sabe.

4- Qual a freqüência com que você usa este instrumento?

Quase que diariamente. Por quê? Porque eu dou as atividades na maioria das vezes em dupla e procuro acompanhar todo dia uma dupla ou outra, e no dia seguinte, se é individual eu pego uma criança individual, depois pego outra. Procuro todo dia ficar acompanhando a trajetória da execução da atividade, fico acompanhando ao lado, às vezes, também interferindo para despertar na criança algum detalhe.

5- Por que nós, professoras, utilizamos com tanta freqüência a prova?

Acho mesmo que é para ter um registro. Uma maneira de provar se a matéria foi realmente trabalhada em sala de aula, de o aluno mostrar se realmente aprendeu. Eu acho que é para um registro mesmo.

6- Na sua opinião, quando se pode considerar que o resultado de uma prova foi alcançado satisfatoriamente?

Vai depender do que eu estiver avaliando. Por exemplo, na 1ª série, no 1º bimestre, a prova foi formação de palavras. A criança que estava pondo, pelo menos, a letra inicial do nome do desenho, pondo ela correta, então eu considere que ela estava ligando o som à letra. Aqueles que encheram de letras, mas não tinha nada a ver com o som, então, vamos supor, não fez uma boa prova, né?

7- Você acredita que há outros meios de avaliação mais eficazes do que a prova? Quais?

Bom, é como eu falei ... a gente avalia o comportamento do aluno na sala. Se eu vou usar as atividades do dia a dia como sendo prova também, porque ali eu estou analisando, estou do lado dele, vendo o que está fazendo, o que está evoluindo ... eu acho que tem que considerar todas essas coisas. Também tem que olhar a fala da criança, se a gente está fazendo uma atividade em conjunto, a resposta que ela deu quando eu perguntei. É tudo isso que a gente usa para saber se ela também está participando, né?

8- As notas obtidas por um aluno servem de parâmetros para o trabalho que fazemos com ele, em sala, diariamente?

Sim, a nota vai interferir; porque você sabe, por exemplo, dependendo dos critérios que você usou para avaliar naquele bimestre, se ele passou do satisfatório, ele passou do que já estava bom para você ... se ele não passou, nós vamos precisar rever o que ele precisa fazer de diferente, eu tenho que pegar ele na classe num grupinho à parte, vai fazer diferença né?

9- Você seria capaz de avaliar todos os seus alunos sem recorrer ao uso da prova?

Então, eu acho que sempre tem que haver um registro sim. O registro é a prova. Eu posso ter muitos momentos que eu avaliei pela participação, mas pelo uma, pela prova, tem que ter.

10- À quem você considera mais importante fazer o uso da prova: à escola, aos professores, aos alunos, aos pais?

Eu considero para mim, porque quando eu pego a prova eu olho ali até onde o aluno aprendeu, como está o desenvolvimento dele, nas questões da alfabetização, por exemplo. Eu sei que para os pais também é importante, porque eles também querem ver. Para a escola é uma prova, um documento. Mas eu penso, primeiro de tudo ... eu vou elaborando as atividades valendo uma avaliação mesmo, pensando para eu avaliar aquilo que os alunos já atingiram.

Professora 5

1- O que é um bom aluno para você?

Olha, eu acho que é mais fácil qualificar o mal aluno. O mal aluno é aquele que fala demais, você não consegue explicar a lição pra ele. Você insiste no aprendizado dele e mesmo assim ele te faz mil perguntas. É aquele que conversa o tempo todo, tem dificuldades em casa. Tem muitos deles que moram na favela, então você vê: às vezes vivem muitas pessoas num mesmo cômodo, não tem nem banheiro direito pra usar. Você não consegue analisar a mãe ou o pai porque eles nunca estão presentes. É assim, você só consegue trabalhar com ele e ponto. A família é muito desestruturada, eles tem uma defasagem que não é natural. Enfim, eles requerem muita paciência. Já o bom aluno é aquele que a mãe sempre está presente. Você nem lembra que ele tem família porque sabe que eles participam por si só. São alunos responsáveis, participativos, trazem o material organizado, vai bem nas avaliações, dá conta de tudo em sala. Acho que é isso.

2- O que é uma prova bem elaborada?

Eu não costumo fazer prova. Nem preparo. Eu costumo trabalhar com projetos que tem a ver com o conteúdo elaborado. Eu dou um exercício, mas não coloco a palavra 'avaliação'. São exercícios que exigem que o aluno dê em troca aquilo que eu ensinei.

3- Por que a prova é importante para você?

A prova é importante para avaliarmos o que nós mesmos ensinamos. Pra mim, serve muito mais como um trabalhinho. Eu vejo aquilo que eu pedi durante o bimestre. Até porque eu preciso mostrar aos pais, nas reuniões. Daí, se o resultado não foi atingido, a prova tem que ficar na escola porque ele não atingiu os objetivos propostos.

4- Qual a frequência com que você usa este instrumento?

Olha, eu avalio o aluno desde o momento em que ele está na fila de entrada para a sala, na maneira como ele se senta, todas as ações. Eu olho à partir do momento em que ele chega na escola, não só num dia. Eu acho que a gente precisa ver tudo, porque é para dar perder o vínculo com o aluno.

5- Por que nós, professoras, utilizamos com tanta frequência a prova?

A prova é uma forma de avaliar. Você dá uma atividade e precisa avaliar o que o aluno fez. Até corrigir o caderno é uma prova. É preciso criar um clima de expectativa para ele saber no que precisa melhorar. Ele precisa estar em contato com a avaliação porque ela é global.

6- Na sua opinião, quando se pode considerar que o resultado de uma prova foi alcançado satisfatoriamente?

Quando ela atinge os objetivos propostos. A própria escrita do aluno demonstra isso. Depende daquilo que o aluno entendeu. (mostra os exercícios dados em sala, para eu ver).

7- Você acredita que há outros meios de avaliação mais eficazes do que a prova? Quais?

Avaliação é tudo, não é só prova. Eu dou uma pesquisa e peço para eles procurarem em revista e que vai valer nota. Não deixa de ser uma prova e também um meio de eu avaliar se eles entenderam a proposta, se souberam fazer a pesquisa, como elaboraram ... eu gosto muito de trabalhar com jogos. Então, eu separo a classe em grupos e escolho quem é o líder do grupo pelo que eu sei daquele aluno. Sempre há um líder e os que são mais lentos.

8- As notas obtidas por um aluno servem de parâmetros para o trabalho que fazemos com ele, em sala, diariamente?

É a nota que serve. Ela vêm daquilo que o aluno consegue demonstrar. Mas eu não posso deixar de olhar outros fatores, porque é claro que eles interferem também, com a família, por exemplo. Não há como separar.

9- Você seria capaz de avaliar todos os seus alunos sem recorrer ao uso da prova?

Sim, mas é preciso haver um instrumento que dê a certeza daquilo que ele é capaz de fazer sozinho. Não adianta dar um exercício em que ele conversa com o colega e faz o que o outro faz. Daí eu vejo que ele não aprendeu. É preciso saber se ele tem condições de fazer sozinho.

10- À quem você considera mais importante fazer o uso da prova: à escola, aos professores, aos alunos, aos pais?

Eu vejo que, para o aluno, se não tivesse prova seria melhor. Então, é mais importante para o professor, porque é um meio de avaliar e ter a certeza de que o aluno aprendeu.

Professora 6

1- O que é um bom aluno para você?

Um bom aluno? Eu acho que não existe aquele que se diz um bom aluno. Existem crianças com diferentes níveis e ele bom dentro do nível dele. Tem crianças, por exemplo no meu caso que é de 1ª série, que hoje já lêem e escrevem e tem aqueles que chegaram, iguais aos outros, sem conhecer letras e já dão conta, já conhecem letrinhas ... dentro do nível em que ele está ele superou muito o que ele chegou. O bom aluno é aquele que consegue, que você vê que ele teve um bom rendimento. Não é nada forçado. Ele está dando o máximo que ele pode. Então ele é um ótimo aluno.

2- O que é uma prova bem elaborada?

Eu não dou prova. A gente dá muita atividade. Você procura sempre criar atividades dentro de um trabalho que você fez na sala a semana toda. A gente da 1ª série dá muita música, muitos joguinhos, sempre procurando relacionar as coisas. Essa semana, por exemplo, eu dei muita coisa falando de pato. Musiquinha do pato, jogo do pato, desenho do pato, e você faz o que? Você dá uma atividade pra ver se a criança aprendeu alguma coisa. Você joga as letras soltas na mesa e pede pra montar o maior número de palavras que conseguir lembrando da música ou coisa parecida. Elas são capazes, mas por quê? Porque você deu pra ela o conteúdo. Não adianta você fazer uma prova perguntando quantos olhos tem o pato que a criança vai ficar ... eu acho que é isso.

3- Por que a prova é importante para você?

Eu acho que prova é uma coisa de quantidade. A prova em si já é ... pelo menos as provas padrões que usam por aí, são quantitativas e não qualitativas. Quanto mais ponto maior a nota. Se o aluno não decorar o questionário ele não responde e se ele responde criando diante do que ele entendeu, muitas vezes a professora acha que ele não fez igual ao livro, está errado e acabou. Eu não acho a prova uma coisa importante ... dependendo o tipo da prova né?

4- Qual a frequência com que você usa este instrumento?

Nós não usamos. Pelo menos nessa escola, a 1ª série não tem prova. Quando muito, a gente trabalha com projetos. Então, normalmente a nossa prova é no final do projeto. Você dá uma folhinha pra criança com algumas figuras e alguns dados referentes ao projeto que você trabalhou e ela tem que escrever em cima daquilo. Se ela entendeu, se ela gostou ou não, o que

você mudaria. É claro que elas não escrevem corretamente. Depois você tem que chamar uma por uma para ler e dar a opinião. Na verdade, a gente pede mais uma opinião do projeto. E pela própria conversa da conversa da criança você vê se ela aprendeu alguma coisa, aprendeu alguma coisa ou não.

5- Por que nós, professoras, utilizamos com tanta frequência a prova?

Porque infelizmente o sistema de cobra isso. Teoria de faculdade, de livro é uma maravilha ... mas a realidade é totalmente diferente. Por que o sistema te cobra nota. Se não houvesse essa questão de prova, de avaliação, como é que o sistema arrumaria um jeito de dar nota para o aluno? E quando não existe esse sistema ... eu vou mais além. Eu sei que o atual sistema prova é uma coisa horrível do jeito que é feita. Vou te dar o exemplo do Estado. No Estado não existe mais reprovação, é progressão continuada. Então, tem alunos que chegam na 4ª série que não escreve nada. Quer dizer, você não avalia, mas também não ensina? Eu acho que a questão da prova não é a prova em si, mas a maneira como ela é feita

6- Na sua opinião, quando se pode considerar que o resultado de uma prova foi alcançado satisfatoriamente?

É quando você que a criança obteve conhecimento. É quando ela não decorou apenas, mas quando adquire conhecimento real e até oralmente ela te devolve de maneira satisfatória.

7- Você acredita que há outros meios de avaliação mais eficazes do que a prova? Quais?

Existem muitas maneiras de avaliar! Quando o conteúdo atinge a criança e ela te devolve, mostra que está interessada ... e isso você pode fazer por atividades diversas. Avaliar não é só dar um questionário. Por exemplo, ela precisa escrever a palavra 'frente'. Se ela consegue colocar as letras **f e r** ou **n e t**, por exemplo, demonstra que ela está criando as maneiras de como escrever essa palavra.

8- As notas obtidas por um aluno servem de parâmetros para o trabalho que fazemos com ele, em sala, diariamente?

Não. Mas isso também depende muito da série. Pra mim, não basta decorar. O conhecimento deve estar relacionado com aquilo que o aluno também demonstra na prática. Ele precisa mostrar o conhecimento concretamente.

9- Você seria capaz de avaliar todos os seus alunos sem recorrer ao uso da prova?

Sim, eu faço isso o tempo todo.

10- À quem você considera mais importante fazer o uso da prova: à escola, aos professores, aos alunos, aos pais?

Atualmente, para os pais. Os professores, muitas vezes, nem estão interessados. Na escola ... o topo do sistema te cobra o boletim, por exemplo, porque a escola precisa transferir um aluno. Não sei. A teoria é sempre muito linda, mas a prática é bem diferente.

Professora 7

1- O que é um bom aluno para você?

É um aluno participante. É aquele que socialmente participa. Se relaciona bem com professores e alunos, tem bom comportamento, interesse nas atividades feitas, que instiga o professor a ter motivação para ensinar.

2- O que é uma prova bem elaborada?

É aquela que abrange tudo o que foi dado na sala e fora da sala através dos projetos. É o que as crianças, através dos colegas, puderam separar entre coisas boas, construtivas e instrutivas, e também através do professor.

3- Por que a prova é importante para você?

Eu acho a prova bem importante, mas também avalio globalmente, como a participação em sala, auto-avaliação, tarefas bem orientadas com a colaboração dos pais, apresentação dos trabalhos feitos em classe seguindo uma seqüência e com o capricho transmitido pelo professor, o modo de falar, o modo de agir ... a professora tem a chance de passar isso para os alunos ... porque, às vezes, não se tem o bom exemplo de casa. Considero também as chamadas orais, os testes objetivos, que também são importantes.

4- Qual a freqüência com que você usa este instrumento?

Eu uso a prova quando mando estudar alguma coisa sem dizer que é prova. Por exemplo: mando estudar uma tabuada, dou um papel com 2 continhas e mando fazer. As crianças sabem

que, com isso, diariamente elas tem que estudar a tabuada. O mesmo se dá com a produção de textos, motivando as crianças a iras à biblioteca e a leitura em casa.

5- Por que nós, professoras, utilizamos com tanta freqüência a prova?

Eu não sei, mas sempre estou dando atividades em sala de aula procurando fixá-las ou explicá-las através de erros cometidos pelas crianças.

6- Na sua opinião, quando se pode considerar que o resultado de uma prova foi alcançado satisfatoriamente?

Eu sinto resultados satisfatórios pela maneira com que, através da prova, as crianças se expressam e pelo conselho de classe em que os professores opinam sobre o aluno.

7- Você acredita que há outros meios de avaliação mais eficazes do que a prova?
Quais?

Sim, existem atividades extra curriculares que capacitam a criança a demonstrar como está.

8- As notas obtidas por um aluno servem de parâmetros para o trabalho que fazemos com ele, em sala, diariamente?

Não, porque através dos conceitos usados no Ensino Fundamental (O, B, S, I) não dá para avaliar e deixa os pais sem saber, realmente, o conhecimento do aluno, até que ponto a criança atingiu os objetivos do PPP.

9- Você seria capaz de avaliar todos os seus alunos sem recorrer ao uso da prova?

Sim, conheço muito os meus alunos e já começo a sentir suas habilidades, capacidades, preferências, dificuldades ... às vezes, até, problemas físicos que ficam o ano todo sem uma providência por parte de casa; mesmo avisando.

10- À quem você considera mais importante fazer o seu da prova: à escola, aos professores, aos alunos, aos pais?

Eu vejo as provas como uma maneira de as crianças fazerem essas provas com o resumo da matéria que foi dada, não vendo aí melhoria para meu trabalho; nem mostrar para a escola ...

é levar o aluno a se esforçar, procurar cada vez mais melhorar através do estudo para ter uma oportunidade de ocupar um lugar na sociedade como cidadão honesto e capaz.

Professora 8

1- O que é um bom aluno para você?

Para mim, não existe bom aluno. Todos querem ser bons alunos. Aquele que participa da aula, tenta ouvir a professora, se esforça para aprender, que tem interesse ... esse é um bom aluno. Ao contrário do que muitos podem dizer de que bom aluno é aquele que fica quieto, que é bonzinho, esse para mim não é bom aluno. É apático.

2- O que é uma prova bem elaborada?

Aquela que tem os conteúdos ensinados, dentro do contexto que foi trabalhado na sala de aula. Pra mim é aquela que está ao alcance dos alunos. Não acho que a prova possa ser uma coisa geral. Ela deve variar de acordo com cada aluno.

3- Por que a prova é importante para você?

Não acho a prova importante, aliás, eu nunca tenho uma prova para mostrar para a orientadora Pedagógica. O que eu faço é separar algumas atividades que considero importantes, exercícios em que trabalho os conteúdos. Eu grampeio tudo e levo para o Conselho.

4- Qual a frequência com que você usa este instrumento?

Eu acho que o professor não pode ser alienado. Na 3ª e 4ª série, o aluno precisa saber que existe prova. O professor sistematiza e organiza o conteúdo para mostrar ao aluno o que ele vai enfrentar na vida. O aluno precisa dessa responsabilidade. Eu preciso dar uma prova para justificar a nota que ele tem. Não existe uma frequência.

5- Por que nós, professoras, utilizamos com tanta frequência a prova?

Porque é mais fácil dar nota do que pensar sobre o aluno. E isso é muito triste! Para mim, a prova não tem validade, dou porque sou obrigada. Os professores ainda não largaram disso. Você já viu nota para um aluno de 1ª série? Para mim, um aluno cresce a cada dia. O importante é mostrar ao aluno que ele precisa estar preparado para a vida.

6- Na sua opinião, quando se pode considerar que o resultado de uma prova foi alcançado satisfatoriamente?

7- Você acredita que há outros meios de avaliação mais eficazes do que a prova? Quais?

Existem muitos! A prova, para mim, tem um peso mínimo. A nota é dada pela participação, pela lição, pelos trabalhos em grupo. A prova, geralmente, cria um nervoso. Você sabe que o aluno sabe, então você deve avaliar no dia a dia.

8- As notas obtidas por um aluno servem de parâmetros para o trabalho que fazemos com ele, em sala, diariamente?

Como eu disse, a avaliação deve ser diária. Eu dou a prova para ver o resultado diante de tal conteúdo. Eu vejo a dificuldade de cada um e tento retornar nisso para saná-la. A prova deve vir para diagnosticar o aluno.

9- Você seria capaz de avaliar todos os seus alunos sem recorrer ao uso da prova? Eu avalio todos os dias sem prova! Seja corrigindo cadernos, seja olhando o aluno.

10- À quem você considera mais importante fazer o uso da prova: à escola, aos professores, aos alunos, aos pais?

É só para a escola. A prova é um documento. Os alunos sabem quais são seus avanços e suas dificuldades e trabalha com o professor para saná-las. O professor tem a vivência do aluno todos os dias. Os pais podem ver os cadernos. Então, só sobra a escola.

Professora 9

1- O que é um bom aluno para você?

É aquele que participa, que demonstra interesse ao que foi proposto. Existem inúmeras formas de aprender e o aluno demonstra interesse nisso. Se não consegue de um jeito, tenta de outro, mas está sempre participando.

2- O que é uma prova bem elaborada?

Eu acho que não existe um perfil correto de prova. A proposta é bem elaborada quando você vê que os alunos aprenderam. É quando você planejou, se dedicou e viu que as crianças aprenderam, seja da maneira que for.

3- Por que a prova é importante para você?

A prova em si não é importante. A avaliação é diária. Eu não posso olhar o que o aluno fez naquele dia, naquela hora, naquela prova.

4- Qual a frequência com que você usa este instrumento?

Eu dou atividades em que observo o que está sendo necessário e tento colocar algumas coisas além. Tento dar atividades agradáveis e atrativas que estimulem a criança.

5- Por que nós, professoras, utilizamos com tanta frequência a prova?

Porque vem de cima. É imposto já há muito tempo e não dá ao professor a oportunidade de fazer outra coisa. É imposto mesmo! O professor faz porque tem que fazer, mas é importante saber que devem existir outras maneiras de avaliar. Além disso, não precisa ser só no papel.

6- Na sua opinião, quando se pode considerar que o resultado de uma prova foi alcançado satisfatoriamente?

Quando eu percebo no todo da sala. Por exemplo, existem alunos que não reconhecem letras, então eu faço determinadas atividades. Eu chamo na lousa, se tem vergonha, proponho joguinho, por exemplo. É preciso dar formas alternativas. Além do mais, eu vejo a opinião do Conselho.

7- Você acredita que há outros meios de avaliação mais eficazes do que a prova? Quais?

Para mim, a avaliação é diária e deve ser feita com atividades variadas.

8- As notas obtidas por um aluno servem de parâmetros para o trabalho que fazemos com ele, em sala, diariamente?

A nota é meramente burocrática. O que eu considero é o que a criança demonstra com aquilo que eu proponho nas atividades ensinadas.

9- Você seria capaz de avaliar todos os seus alunos sem recorrer ao uso da prova?
Com certeza.

10- À quem você considera mais importante fazer o uso da prova: à escola, aos professores, aos alunos, aos pais?

Para a escola e para os pais, embora isso seja meramente burocrático. O pai e a mãe sabem quando olham o caderno e vêem o que está sendo trabalhado. Eu acho, até como sugestão para você colocar no seu trabalho, que a criança deveria vir para a escola com 8anos, porque assim não haveria tanta repetência e porque, agora, ela não está preparada, não tem maturidade.

Professora 10

1- O que é um bom aluno para você?

Bom aluno é aquele que participa das aulas, é atento, tem interesse. É pela participação que eu considero um bom aluno, pelo conteúdo e conhecimento que ele adquire, o modo como se relaciona com os colegas, com o professor.

2- O que é uma prova bem elaborada?

Primeiro que na prova eu não considero muita coisa. Eu considero sim o dia a dia do aluno. Para nós que ainda precisamos usar a prova como forma de mostrar aos pais, à direção, porque eles exigem, é aquela que tem a ver com o conteúdo trabalhado no dia a dia.

3- Por que a prova é importante para você?

Não, eu considero o que o aluno faz no dia a dia. Como ele escreve no caderno, como ele participa na aula. A prova é mais mesmo uma questão de mostrar alguma coisa no dia da reunião.

4- Qual a frequência com que você usa este instrumento?

Uma ou duas ... a prova, prova mesmo. Agora também recolho algumas atividades para verificar e estar ajudando. Não é igual aquela coisa de antigamente e dar num dia específico. Eu recolho várias atividades e dou nota.

5- Por que nós, professoras, utilizamos com tanta freqüência a prova?

Eu acho que os professores não utilizam tanto a prova ... eu não sei. Eu acho que está caindo aos poucos aquela coisa de final de bimestre e tal.

6- Na sua opinião, quando se pode considerar que o resultado de uma prova foi alcançado satisfatoriamente?

Eu dou aquela prova com folha separada escrita 'avaliação', mas também considero os exercícios feitos em sala de aula que eu anexo junto, além de estar olhando os cadernos. Então, satisfatório é quando a gente vai dando tudo e ele vai respondendo de acordo com o que foi pedido, com os objetivos.

7- Você acredita que há outros meios de avaliação mais eficazes do que a prova? Quais?

Com certeza. É o trabalho que eu realizo com eles, em sala, diariamente. Não dá para avaliar um aluno sem ser pelo seu dia a dia.

8- As notas obtidas por um aluno servem de parâmetros para o trabalho que fazemos com ele, em sala, diariamente?

É complicado dar nota, porque você cai naquilo do pessoal também. Um pouco elas servem para mostrar no que o aluno está melhorando. Eu acho que elas deveriam vir por números e não por letras como são.

9- Você seria capaz de avaliar todos os seus alunos sem recorrer ao uso da prova?

Com certeza! Quando eu vou para o Conselho eu praticamente não levo nada. Eu lembro tudo de memória. Já tenho todos os conceitos na cabeça.

10- À quem você considera mais importante fazer o uso da prova: à escola, aos professores, aos alunos, aos pais?

Por falta de informação, de como mostrar o que os alunos estão aprendendo, é para os pais. Para a escola eu acho que é só para trocar idéias em reunião.

Professora 11

1- O que é um bom aluno para você?

Bom aluno? (risos). Olha, eu acho que todo aluno que tem vontade de aprender é bom aluno. Como todos eles demonstram essa vontade ... todos querem ser bons alunos.

2- O que é uma prova bem elaborada?

Uma prova bem elaborada é aquela que consegue dar pra gente a idéia de quanto o aluno conseguiu avançar dentro da proposta que a gente colocou pra ele, né? Se você consegue elaborar um instrumento que te dê um retorno do quanto que o aluno sabe dentro daquilo que você propôs, daquilo que ele sabe que você propôs pra ele, acho que seria uma boa prova.

3- Por que a prova é importante para você?

Eu acho que vai nesse sentido. Ela é importante nesse sentido, importante como instrumento para de dar uma noção do andamento do seu trabalho, se realmente está indo no caminho que você traçou como objetivo. Se você está conseguindo caminhar nesse sentido, ela é realmente importante, eu acho.

4- Qual a frequência com que você usa este instrumento?

No meu caso, o quê eu uso como instrumento pra avaliar? É a observação direta. Esse é o meu instrumento de trabalho. Então, nesse sentido, é diariamente né? E eu vejo que a própria prova em si não termina ali no ato de avaliar. Ela é um trabalho do dia a dia. É o resultado do trabalho. É quando você vai ver que o que você planejou, você trabalhou, deu resultado. Se você precisa replanejar, mudar ... ela serve nesse sentido né? Então, quer dizer, por mais que se use assim por bimestre, por semestre dependendo da escola, eu acho que o dia a dia é o mais importante e não exatamente essa periodicidade que se coloca. É o dia a dia.

5- Por que nós, professoras, utilizamos com tanta frequência a prova?

Eu imagino que seja, de certa forma, uma dificuldade que a gente tem de colocar em prática o que se tem de novo, em termos de ciência, de evolução nesse sentido. Eu acho que é uma dificuldade que a gente tem porque não é fácil. É uma dificuldade que a gente tem de, às vezes, perceber essa diferença da prova como recurso que você tem para você fazer esse acompanhamento do trabalho, de redimensionar o trabalho, e daquela prova que vai dar nota, que vai dar conceito, que vai qualificar o aluno A e o aluno B. Eu acho que isso é uma coisa

muito simples de se falar, muito simples de se ler, mas muito difícil de se fazer. O dia a dia da gente é muito complicado pra se fazer essa leitura, na prática. Você entende o que eu quero dizer? Eu acho que é um processo, eu acho que é uma coisa que com o passar do tempo as pessoas vão incorporar até passar a ser uma coisa natural. Não é uma coisa que você chegou e falou: _ não, agora é assim e todo mundo vai assim! Não dá pra ser assim.

6- Na sua opinião, quando se pode considerar que o resultado de uma prova foi alcançado satisfatoriamente?

Vai nesse sentido que eu estou falando. É quando você conseguiu saber aquilo que você queria. Porque o aluno, no começo do ano, no meu caso puxando pra minha disciplina ... um aluno de 1ª série conseguiu quicar a bola, parado; você colocou como objetivo pra ele que no final do bimestre ele conseguisse quicar a bola em movimento, você faz a prova no final do bimestre e ele está conseguindo fazer isso, você está vendo a conquista dele de conseguir isso, ela cumpriu um resultado satisfatório.

7- Você acredita que há outros meios de avaliação mais eficazes do que a prova? Quais?

Eu acredito que a prova é bastante eficaz, mas que existem outras formas de avaliar dentro do processo, no dia a dia que podem ser tão ou até mais eficazes do que esse sistema prova tradicional ... que pode ser melhor, que pode te dar uma noção melhor, de conseguir esse resultado que você espera de ter informação, de você saber o que precisa saber. Porque a prova, muitas vezes, pode ser enganosa né? Você pode aplicar a prova num dia que você pegou o aluno num mal dia, que ele não está muito bom, está com algum tipo de problema que pode não tem nada a ver com o resultado em si. Então, nesse caso, ela não cumpriu o que ela se propõe a cumprir. Você pode ter outras formas de olhar que podem estar mais próximas, assim, de verdade, vamos dizer né? Ter respostas mais fiéis.

8- As notas obtidas por um aluno servem de parâmetros para o trabalho que fazemos com ele, em sala, diariamente?

Eu acho que isso é possível desde que ela está relacionada ao rendimento do aluno com ele mesmo. Se ela estiver relacionada ao rendimento do aluno com os demais, ela perde um pouco. Se você tem um aluno que saltava, no começo do ano, 3 metros e o outro saltava 1 metro, dentro da minha área ... aquele que saltava 1 metro se ele passar a saltar 2 metros e, o

outro, passar a saltar 3,5 metros, o que saltava a menor distância melhorou mais. Ele conseguiu melhorar o dobro. Ele passou de 1 para 2, então ele melhorou 100%. E o outro não. Então, quer dizer, se a prova mede o aluno em si, se você tem um conceito para colocar em cima daquele aluno com ele mesmo, eu acho que serve sim. O que não serve é usar o conceito pra comparar um aluno com o outro. Aí eu acho que fica complicado.

9- Você seria capaz de avaliar todos os seus alunos sem recorrer ao uso da prova?

Eu só faço isso. Mas é o tal negócio. Eu faço a avaliação, mas não sei a que tal ponto essa minha avaliação está sendo eficiente também. Tem esse outro problema também. Eu acredito que estou conseguindo caminhar, mas acho que carece de meios mais científicos, meios mais técnicos. Eu acho que você deve estar estudando bastante, se aprimorando para tentar trazer esses meios para o dia a dia e estar melhorando.

10- À quem você considera mais importante fazer o uso da prova: à escola, aos professores, aos alunos, aos pais?

Para o aluno, sem dúvida. Para o professor também é importante, porque a ele cabe a tarefa de reorganizar o que tiver que ser, de selecionar conteúdo, de ver qual o melhor método para atingir os objetivos, então lógico que é importante para o professor. Mas o aluno é o sujeito. É ele que vai fazer, dentro do processo, essa ... é ele que vai agir para atingir seus objetivos né? Então eu acho que o conhecimento do resultado é mais importante para o aluno, sem dúvida nenhuma.

Professora 12

1- O que é um bom aluno para você?

Eu acho essa pergunta muito redundante. Pra mim, bom aluno é aquele que consegue se integrar na aula, ser participativo; mas participativo no sentido de ser ativo, você faz perguntas e ele está tentando responder, mesmo certo ou errado ele está tentando dar um retorno. Ele procura estar com o material organizado, em dia. Se você pede algum material extra de reciclagem por exemplo ... ele esteja envolvido com a atividade, então ele vai estar trazendo ... é claro que esquecer é uma coisa normal, mas você sabe quando é esporádico e quando vira rotina. Na questão do aprender ... É claro que a gente fica feliz quando o aluno aprende porque

a gente vê que o nosso trabalho está dando resultado, mas nem sempre isso é tão imediato. Às vezes a gente precisa de um tempo pra ver isso.

2- O que é uma prova bem elaborada?

Pra mim uma prova bem elaborada é aquela que faz o aluno pensar. No meu tempo, quando a gente estudava, era preciso ficar decorando questionário ... eu sou professora de colegial também e lá eu aplico prova, mas de uma forma assim ... ele pode até consultar, mas o que eu quero é que o aluno pense, que o aluno leia ... eu até deixo ele consultar porque não está ali a resposta. Ele vai ter que estar analisando aquilo para estar elaborando sua resposta. Eu acho que isso é fazer uma prova bem elaborada. Às vezes a gente pensa que fez uma prova bem elaborada e não surtiu o resultado esperado. Eu acho que a prova bem elaborada é aquela que faz o aluno raciocinar ... que está posta de uma forma clara, porque a gente pode pensar que está tudo OK e não é verdade. Eu até procuro estar perguntando à outros professores para saber se ficou claro para as outras pessoas o que eu quero. Eu não faço assim: o que é tal coisa. Às vezes você comete erros ... 'decoreba' não surte efeito.

3- Por que a prova é importante para você?

Eu não aplico prova assim. Eu tive uma experiência. Eu apliquei um exercício para nota na 4ª série, eu estava trabalhando com polígonos e figuras planas. Daí eu fiz assim, eu dei toda uma parte teórica, expliquei, mostrei. Aí depois, eu passei toda essa parte teórica para o desenho, eu fiz um painel todo cheio de polígonos e eu fazia perguntas para ver se eles tinham uma idéia visual mesmo. Quantos polígonos hexágonos tem aqui? Ele até podia olhar no caderno, o que é um hexágono mesmo? Mas eu queria ver se eles sabiam fazer essa leitura visual. E assim, a primeira vez nessa classe, eu acho que eles não conseguiram ir bem, não. Eu acho que não estava difícil, eu sei que ela não estava mal elaborada; mas eu vi que eles não conseguiram fazer um 'gancho'. Então, eu voltei, fiz tudo na lousa junto com eles e pedi que cada um desenhasse para fazer com que eles tentassem raciocinar, porque eu vi que eles não estavam tendo a atenção de estar lendo e estar observando o painel para relacionar. Eu vi que ficou uma falha, daí eu pensei que a minha explicação poderia ter ficado melhor ... a importância da prova eu acho que ela é um dos mecanismos que você tem para estar avaliando, mas não é o único. Sabe o que acontece? Eu vejo por mim, quando eu era criança, falava prova, pra mim, eu ficava apavorada né? Era muito complicado. Então quando eu chego na sala e falo que a gente vai fazer uma provinha, não tem problema porque o aluno sabe que pode

olhar no caderno. O importante é que você tenha sua matéria em dia, para que você tenha uma seqüência de trabalho. O importante é pra você pensar. Eu acho que a prova não deve ter um peso único. Eu sei de colegas de trabalho que considera a prova com peso único ou principal. Por exemplo, de 5ª a 8ª série, que você vê o aluno em determinado tempo, naquela aula, fica difícil não avaliar sem ser pela prova mesmo.

4- Qual a freqüência com que você usa este instrumento?

O meu é bem esporádico. Tem classes que eu não uso. Tem algumas atividades que eu nem chamo de prova. Eu usei na 4ª série e assim, dependendo do meu conteúdo, às vezes dá pra fazer e às vezes não. É muito esporádico.

5- Por que nós, professoras, utilizamos com tanta freqüência a prova?

Sabe o que eu acho ... eu vejo que foi uma forma que foi passada para gente como uma forma eficaz e que agora é um pouco mais lento pra se desmembrar isso. Vai demorar um pouco. Mas eu acho que não é por conta disso que a gente vai degradingolar ... eu vejo que na educação é assim, quando aparece algum método novo ... por exemplo, quando apareceu o construtivismo, a coisa foi tão assim, foi tanta gente fazendo tanta coisa errada e aí virou uma bagunça tão grande. Nessa época se perdeu muito. O ensino perdeu muito. Eu vejo que algumas coisas antigas ... esse modernismo muito rápido que aconteceu sem as pessoas se prepararem fez a educação perder muito, ficou muito vago a coisa.

6- Na sua opinião, quando se pode considerar que o resultado de uma prova foi alcançado satisfatoriamente?

É aquela história: você corrige e vê se está certo ou errado. É de praxe, não é mesmo? Porque na verdade ela é isso. Você corrige a prova e vê que os alunos na maioria não foram bem. Primeiro, eu preciso levar em conta que eles não tiveram uma experiência como aquela, se é alguma coisa nova eu tenho que considerar; às vezes, eu preciso considerar que não fui tão eficaz na explicação e considerar também o perfil do aluno que você percebe, aquele que é interessado ... porque existem aqueles que ficam aflitos e pro conta disso, naquela ansiedade toda, se atrapalham e aqueles que não está nem aí mesmo e pra ele tanto faz como tanto fez.

7- Você acredita que há outros meios de avaliação mais eficazes do que a prova? Quais?

Existem muitos meios de avaliação. Eu não vejo a prova como o mais eficaz. Ela é um método que você pode estar avaliando. Na minha disciplina, eu tenho que olhar o caderno, se o aluno é participativo, um conjunto de tudo o que você faz na sala de aula ... se o raciocínio dele dentro da atividade foi correspondente em termos de conteúdo. Porque, às vezes, é assim ... eu estava trabalhando dentro de uma sala e as pessoas olhavam e falavam que estava bonitinho, mas eu não posso avaliar se está bonitinho ou não. Em Artes tem muito isso. "Ah, mas ele desenhou bem". Eu não quero desenhista. E se ele desenhou alguma coisa que não tem nada a ver com o assunto que estava sendo tratado? Ele fez um raciocínio lógico? Não, não fez. Por exemplo, eu mostrei um painel de um artista e o aluno vai fazer a releitura dele. Ele vai criar em cima daquela leitura do artista, mas ele não fez nada do assunto. Então o raciocínio naquele momento não foi coerente.

8- As notas obtidas por um aluno servem de parâmetros para o trabalho que fazemos com ele, em sala, diariamente?

Eu acho complicado porque é aquilo que eu te falei. O trabalho que você faz com ele em sala depende de muitas coisas. Avaliar o aluno depende de todo um conjunto ... depende da classe, da proposta que você está usando. Eu dou nota porque precisa mesmo, mas assim, são muitas coisas que você precisa estar olhando.

9- Você seria capaz de avaliar todos os seus alunos sem recorrer ao uso da prova?
Seria. Aqui na escola é o que mais faço.

10- À quem você considera mais importante fazer o uso da prova: à escola, aos professores, aos alunos, aos pais?

Aos pais eu percebo que, por isso vir de muito tempo, eles ainda acham que é importante, é necessário. É algo que a gente precisa construir gradativamente. Não vejo quem é mais necessário ou menos necessário. Eu acho que é uma coisa que ficou muito forte e assim, pra mudar você tem que estar mostrando que existem outros métodos. Não deixar de tudo, de uma vez. Eu acho que é uma das formas. Se você acha que precisa daquilo para aquele conteúdo, vai lá e faça, mas eu acho que você precisa de outros meios pra saber também.

7.2 – Modelo de questionário aplicado

Campinas, 03 de junho de 2005

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação – Pedagogia

Prezada Professora,

Este questionário faz parte de uma pesquisa que venho realizando para a Faculdade de Educação, da Unicamp, com o objetivo de melhor conhecer o processo de avaliação da Escola Pública. Esta pesquisa culminará, ao final do ano de 2005, com a entrega de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), para a obtenção do diploma do curso de Pedagogia.

Tendo em vista a importância que suas respostas representam para essa pesquisa, gostaria desde já agradecê-la pela colaboração e esclarecer que os dados servirão única e exclusivamente para tal trabalho.

(Sua identificação NÃO é obrigatória)

Nome: _____ Série em que leciona: _____

1- Bom aluno é aquele que:

a-) sempre tira boas notas na prova

b-) que possui competências e habilidades exigidas pelo professor

c-) consegue compreender, de MANEIRA GERAL, o que é pedido nas situações do dia-a-dia da sala de aula

2- A prova pode ser considerada:

a-) um meio eficaz de identificação da aprendizagem do aluno

b-) um objeto de verificação, para o professor, da qualidade de seu ensino

c-) um diagnóstico do que o aluno vêm aprendendo

3- Devolver as provas feitas pelos alunos e discutir as respostas com a classe significa:

a-) um método desnecessário, já que são feitas várias provas e não há tempo para corrigir todas, conjuntamente

b-) uma atividade significativa e importante, mas que você não faz

c-) um meio de compartilhar com os alunos a dificuldade de cada um

4- Qual importância você atribui à prova:

- b-) muita importância
- c-) importância razoável
- d-) nenhuma importância

5- Uma prova bem realizada pelos alunos é:

- a-) reflexo de uma boa aprendizagem
- b-) que o aluno aprendeu bem o conteúdo necessário para aquela situação
- c-) aquela em que ele acerta tudo o que foi pedido

6- Os resultados alcançados na prova servem:

- a-) para a melhoria de seu trabalho em sala de aula
- b-) para classificar alunos segundo sua aprendizagem
- c-) para discutir novas formas de ensinar os conteúdos

7- As notas servem para:

- a-) ordenar alunos segundo um grau de aprendizagem
- b-) mera representação à escola e não tem valor algum para você
- c-) estimular o aluno a melhorar cada vez mais

8- É possível conciliar a prova com outros instrumentos para avaliar o desempenho da classe:

- a-) sempre
- b-) às vezes
- c-) nunca

Este espaço é destinado a algum comentário que você queira fazer:
